CONDE DE VILA-MOURA

Almas do Mar

EDIÇÃO DE «A RENASCENÇA PORTUGUESA»

ALMAS DO MAR

DO AUTOR

A Moral na Religião e na Arte.
A Vida Mental Portuguesa.
Vida Literária e Politica.
Nova Safo.
Camilo Inèdito anotado.
Doentes da Beleza.
Boèmios.
António Nobre.
Grandes de Portugal (com A. Carneiro).
Fialho d'Almeida.
Fanny Owen e Camilo.
Os Últimos.
Obstinados.
Pão Vermelho.
Almas do Mar.

Em preparação:

Exilio.
Entre Mortos (memórias):
Labirinto.
Flôres de vidro.

VISCONDE DE VILA-MOURA

ALMAS DO MAR

DESENHO DA CAPA POR ANTÓNIO CARNEIRO

(3.º MILHAR)

EDIÇÃO DE
A «RENASCENÇA PORTUGUESA»
PORTO — 1924

A

ANTERO DE FIGUEIREDO

I

ALMAS DO MAR

As Serras que verdadeiramente eu amo são as serras de água, quando do mar tormentoso!

DESDE quando, reclinado nesta vaga de areia, e como recebendo do coração da duna o segrêdo da admirável tela em redor?!

O magnífico bordado que de aqui se avista, e de aqui se perde; o movimento; a transfiguração da terra pela luz da água!

Quem criou êste prodígio,—sonho afagado pela brisa, velado do tule, da seda viva e inquieta do Mar?

O Mistério, que pode mais do que os humanos.

Que êstes são férteis, sobretudo, em ocupações pequenas.

Se em suas oficinas só cabe uma obra grande—a Dor!

Bela mancha, abrangendo duas praias:

—Vila do Conde e Póvoa; em frente o Oceano, maravilhosa tentação dos portugueses, enigmas máximos da Aventura.

Como é bom viver!

Na estrada passam cegos... Ilude-os a necessidade, acaso o vício de pedir. Alguns cegaram, inconscientes, a espionar beleza, a ver! Cegou-os a luz: almas sem medida; almas do Mar!

A um lado, a sugestão de Roma, nos arcos:—uma linha de gigantes, dobrando em curvas puras, formando aqueduto. Aqui e além colunas e curvas desfeitas. Romperam-nas as marés do Tempo, sem que o todo perdesse. Na Natureza, estupenda, prodigiosa, teem um lugar estupendo, prodigioso, as ruinas!

Onde os monumentos que valham a graça de suas frontarias; das suas máscaras, de ansiedade e negrume; o desenho forte do Tempo, que as compôs dos séculos, tratando-as, sombreando-as das tintas e da alma dos elementos, operários máximos do Mistério, de quem sempre concebem, de quem revelam!

A uma ponta, o Convento.

Levanta-se como uma crista da penedia, monumento fantástico do Mar!

Foi Paço; foi Convento; hoje abriga uma colmeia de correccionais. É um alegrete de

apartados, um jardim de criminosos precoces; um canteiro de orquídeas em que a Natureza aplica a humanos o geito que habitualmente usa naquelas flôres: o desenho, a forma repugnante dos reptis, quando nêles não repete a graça altiva dos lírios, pobres lírios, que o Paço-prisão pintou de negro! Porque a adolescência tem ainda uma razão que escapa, que foge à razão dos Estados, dos homens...

Além, Azurara; mais para lá,—outeiros semeados de capelas, e casitas brancas, que tomaram a atitude dos cordeiros; do outro lado, a Póvoa!

Perto desta é êsse ninho de tinhosos, chamado das *Cachinas*—um pequenino mundo de barros vivos, em que as lepras lavram como os musgos nas pedras desprezadas; onde há mulheres com cabelos como algas, algumas de olhos marinhos, comidos do sol, abertos à flor da alma; outras de olhos fundos, lagoas podres de uma dor inconfessável.

Em baixo, na estrada, passa alguma desta gente.

Caravana de miseráveis de uma gafeira que faz dó! Onde o ânimo que vença a sugestão do religioso e imundo que impõem?

Figuras podres, em que há côr e geitos do ferro; que parecem dobrados, à fôrça,

na forja de um outro mundo—o da Beleza grave dos predestinados.

Como caminham!

Vão certos, abstractos em seu destino. Dir-se-îam um enxame, visto a uma lente de forte aumento. Lembram ressurreições dos povos primitivos—dos que passaram a pé enxuto o Mar Vermelho, sob a vara do profeta; reproduzem horas, vidas, que o Tempo se esqueceu de retocar.

Para onde a praga, a fantasmal página bíblica daqueles gafos?

Ainda as casas onde dormem quási guardam os desenhos das que abrigaram os primeiros homens.

Em volta o Mar, os outeiros, a vida dourada da costa...

As dunas são cobertas de perpétuas bravas, que lhes dão fulgências de metal, rebrilhando ao oiro das tardes gloriosas dêstes sítios, que criam, fundem os bronzes que são os lendários poveiros, bandos de gente, que ilustram êste pedaço do mundo, e que também dêle quási só conhecem êste fragmento de terra, mais o Mar,—o grande deserto de água, irmão querido da sua paixão, da sua alma, onde há, de igual sorte, ritmos, e a sagrada inquietação das vagas...

Por entre aquelas moutas ambulantes, selvas humanas em transporte, há, ao lado

de criaturas que usam a máscara da Morte, —adolescentes abstractos, frontes em que desvairam auroras.

—Mas, para onde vão?

Qual o destino da extravagante gente, página única do mais belo dos livros, a Natureza,—que o vento parece ter arrancado, num dos seus soluços, e agora impele com suas asas!

Entro no Casino. Horas oficiais de folguedo. Baile. Não há tempo a perder! É do protocolo novo—barulho, vertigem, tudo o que atordoe!

Vivemos num mundo de epilépticos. Foi no que deram os filhos da gente romântica, triste, de há cincoenta anos!

A meio do salão, um sexteto arranca, num franco arremêdo de *Jazz-band*.

E velhos, novos, gente dos mais extravagantes moldes, abrem a atenção, o sentido, para aqueles pares de flôres doidas, plenas de ebriedade, como batidas de um furacão, oscilando, afogando-se, quási desaparecendo no mar da música, que tem vagas mais altas do que o sempre jovem Oceano, que lá, em baixo, guarda o génio, o sereno alvorôço de sempre!

—Quem deu o cânon, o geito das danças modernas?

A América, via-Paris!

Umas, os *tangos*, vieram da Argentina. Dos picadores, mais das suas companheiras, mulheres da baixa estôfa; outras procedem do gôsto dos *yankees*.

Todas usam um cerimonial bárbaro, o ritual de origem.

São convulsas, para corpos vibrantes.

No salão há tremulinas, que se não sabe bem se são da tarde, se dos perfumes, se daquele agitar de tinta que vem do grande certame de côr que é toda a casa, sôbre a dominativa influência gritante das músicas, das almas, dos trajes!

Suspendo-me a ver. Chamo a atenção, cansada das figuras férreas de há pouco, para atentar na extravagante *feira* das raças finas.

E, um momento, eu próprio me sinto afogar nas chamas daquela seara de carne e graça ardentes, mórbido às frouxidões langues das suaves madonas, algumas juncos leves e vacilantes, como batidos de uma brisa pérfida.

Quási todos dançam religiosamente, como quem segue obrigado ritual.

Mas esta dança, penso, foi, por certo,

inventada por algum diabo ébrio, que se fez banqueiro e cidadão americano!

Contudo, todos os que volteiam, verifico, são pessoas de princípios; criaturas bem nascidas...

E o Papa, e os bispos, e os párocos aprovam estas danças?

E que dirá esta gente, na primeira sexta-feira do mês, aos confessores, dêstes folguedos?...

Ah, o Papa, os bispos, os párocos não freqüentam os casinos!

E êstes penitentes de amanhã teem no peito malicioso escaninhos, onde, ordenadamente, guardam o Amor, a Loucura, a Fé.

Oh, Deus-de-Todos — o único verdadeiramente grande, em sua Coerência, em sua Paixão, em suas Leis, és Tu!

Cessou a música. E, no instantâneo que resulta daquele desarrumar de côr, o salão lembra um mar *futurista*. Perco-lhe as linhas, para atentar a massa, que é como uma paleta mascarrada, em que as tintas se acumulassem, se sobrepusessem extravagantemente, e de que um pintor doido acabasse de servir-se.

Tais as côres, os vestidos das donas, exemplares belos alguns.

Se vida actual vale dizer desenho e trato exóticos!

Dominemos o tumulto!

Todos riem, embora alguns usem o riso pintado das máscaras.

Aquela, que linda!

Cabeça grega, corpo de cobra...

Inclina a fronte, esplêndida como um sol, para o noivo, que a fita oftálmico de sua graça, da sua côr quente.

Fala! Como as mentiras saem ilustradas da sua bôca!

A meio do primeiro renque de gente grave, uma gorda constelada de joias.

É mulher do advogado Z. Aquelas pérolas são lágrimas, que brilharam antes nos olhos da viúva A.; transitaram pelo escritório do advogado Z.; até que subiram para o colo da mulher dêste, a gorda.

Ao lado, outra—um esqueleto que ostenta na cabeça um diadema de brilhantes do tamanho de cabeças de dedos.

Fulge como a fachada da Câmara Municipal, em dia de grande gala!

E a sua figura, de tal sorte acesa, torna-se mais mesquinha.

Aquele, aquele! Aí está um homem respeitável! Um mundo de lava, coberto de neve...

Prossegue a música, é preciso não amortecer!

Os violinos gritam, como para abafarem de sua agonia estrídula os roncos dos bombos!

Entanto, a feira segue; a grande feira dos amores...

Se a vida é assim... Nem sempre gáudio, nem sempre quaresma, pensam todos.

Demais, há um *déficit* de rapazes; as jovens precisam de casar. E os moços que aparecem usam um diabo dançarino ao limiar do coração. É preciso domá-lo, vencê-lo! Pelo que as noivas necessitam dançar, dançar, dançar...

Um gordo que vai convidar um anjo: parece um roubo!

Tem ao voltear qualquer coisa de peixe, o peixe que tiraram da água, e vai morrer...

Arfa como um motor cansado.

Ela — uma sombra de Chavannes, um marfim de suavidade! Moldura-lhe a testa de imagem a cabeleira côr de mel. Escultura de Graça e Indiferença...

Move-se hierática: uma pena ao arrepio do vento!

Não repara no monstro que a conduz; mal atenta nos pares; não saberia dizer por que dança; e, ao cansar da música, uma sombra de fadiga parece subir a al-

terá-la brandamente, empalidecendo-lhe as mãos, a fronte...

Um intervalo de minutos, poucos.

De novo a música, em gritos; o tumulto; a electricidade negra dos doentes em multidão; o ciclone dos belos loucos, redemoinhando almas, cabeças, rendas. Tudo poeira, tremulina, movimento...

Entanto, a luz derrama sôbre os pares um quási luar de febre.

Aquela? Tão branca e frágil! Dir-se-ia habitá-la um génio de flor...

Irmã das açucenas? Veste-a, ao dançar, o movimento!

Sôbre a tez—toda alvação, claridades, a côma loira, materializando o sol.

Condu-la um joven...

—Mefisto, ou Zéfiro?

E a vertigem traga-os, abisma-os, como duas palmas arrastadas, colhidas, nos funis glauco-espumosos, que, a espaços, florescem o Mar!

Quando desço a escadaria do Casino, é tarde.

O sol prestes a morrer. De novo penso nos pobres de há pouco. Onde a gente estranha?

E o meu espírito, esfaimado de perfeição,

de toda a perfeição terrena, escravo, religioso do Absoluto, piedosamente recorda o bando da gente podre!

Diviso um grupo, talvez o último...

—A caminho da Póvoa, do Mar?

—Segue a direcção dos de há pouco...

Como as formigas, toda esta gente caminha em multidão.

Sigamo-la!

Dia de festa, na Póvoa, da Senhora do Mar [1]. Desde a véspera que os fogos, as músicas, o arraial, a anunciaram.

No largo, junto à Estátua do Pescador, grupos vivos e ilustrativos do grande lendário, o Cego de Maio, em cujos olhos gelára o sonho de tantas vidas salvas, forte, brônzeo, abstracto como um Deus, afogando a alma, o pensamento, na Água.

E os pescadores, os poveiros, a mirá-lo mais uma vez, como quem se vê no espelho verde e palpitante do Oceano...

A mímica daqueles bronzes—os pescadores e o herói! As mesmas máscaras, as mesmas almas, os mesmos sonhos—os corpos cheios, rasos de perigos!

1 15 de Agosto.

Que êles formam um povo de irmãos,—um pequeno estado rude, em que há redes de leis próprias—tão sagradas, como as redes com que sondam o *Profundo*. Comunistas à sua maneira!

Seus costumes, que transitam de memória a memória, vencem em Assistência os estatutos de Assistência do Estado, de todo fora do seu génio destemido, religioso. Nas barcas, um mundo de trabalho, de arranjo. Nada esquece à prodigiosa colmeia dos poveiros. Cautos como os animais inferiores, dos quais parecem copiar as leis, tão exactas, tão naturais, elas são!

Em cada barca, vão os *russões*, as redes das viúvas dos que foram da companha; as dos *parceiros* inutilizados; as *de beber*, que o trabalho é árduo e demanda alegria; as *de N. S. da Assunção*—companheira de sempre, por cuja direcção corre a luz de um farol em noites de águas grossas, o repique dos sinos, quando dos nevoeiros, o *Salva-vidas*, a missa quando mortos, a alma!

É um *Estado poètico*, uma pequenina *Comunidade religiosa* a dos poveiros; e, contudo, junta uma alcateia de leões do Mar!

Do Mar e da Miséria! Ao limiar do coração—Deus!

Pelas noites, às noites longas, voadas,

orquestradas pela tormenta, fazem as redes, em que os noivos tecem, urdem o futuro!

Porque, obedientes às leis do costume, êles não casam sem que tenham ganho os aprestos do trabalho; sem que possam constituir, dignamente, a família.

E é vê-los a labutar na sombra, entretecendo linhas e sorrisos, os doces *Rembrandts* da Felicidade, ilustrando, vencendo as noites profundas e temerosas, as noites agitadas da beira de água, que dão a cada casa o geito frouxo de uma barca no mar alto.

É o dia 15 de Agosto. Dia da *Senhora*, companheira de todos nas *ceifas*, e que dirige, com suas mãos invisíveis de excelsa, as malhas que êles trabalham e armam com suas mãos pesadas, viscosas como ventres de peixes.

O burburinho, a alegria das companhas!

Pelas igrejas e capelas quantas romarias!

Não mais as insolências, o praguedo das horas tôrvas, quando os maritimos se perdem na água, o nevoeiro cerra, o tempo os fecha, os colhe, em seu mistério húmido!

É a festa de N. Senhora! O seu dia de intimidades com ela, mais com todos os santos que fazem cauda ao seu andor.

Hora da procissão! O dia cai. O mar em calmaria. Sôbre o ameno dôrso, agora suavemente inquieto, do grande gigante de

vidro — velas esparsas, asas distantes, oscilando ao pulsar da água. Na praia, gente que lembra ondas de terra, trementes, palpitantes.

O areal pintalgado de barcas.

Em cada barca, as mais diversas bandeiras.

Estas barcas falam os seus nomes em tintas gritantes e uma ortografia duvidosa.

Contudo, entende-se bem sua linguagem, seu baptismo de Saudade, de Fé, tantas vezes confirmado, sagrado, pelas vagas.

Uma pluma de vento vem agitar as bandeiras. Enquanto os sinos tocam, derramando inquietação, sua voz, sôbre as religiosas figuras, movendo-se, rítmicas, na acção da grande tarde...

As bandeiras tornam-se mais nítidas. Abecedário fantástico da Côr, em correspondência com o Oceano!

Aos elementos nada é estranho.

Lançai ao vento uma fôlha e vereis como logo a conduz!

Amanhã os elementos reflectirão a tragédia de ontem, de sempre!

No ar, o tumulto dos enxames, nevoeiros de palavras. Depois, o silêncio...

Gente fuliginada pelo trabalho, roída pela labuta, conjuntando o formidável cartão escuro, só desenho!

Em fundo, a povoação, o interêsse, a Vida...

Naquele dia, os barcos galeavam seus melhores enfeites. E, quietos, sôbre o areal, tinham qualquer coisa de mais tocante, do que quando saíam a rasgar o Mar.

Passam ranchos, cantando. Cobre-os, inebria-os a própria voz, como às aves.

A poesia é o primeiro vinho generoso dos pobres! A poesia, que nêles é fôrça: pela qual tanto sofrem e tanto resistem!

É que é puro o seu sonho: o sonho que nêles vale o divino ferro, de que é tocada a sua alma, de que é temperado o seu esqueleto!

Aquele que vai, mais a sua viola, é um bêbado triste. Canta a medo uma canção surda: voz de levada sôbre uma caleira de tábuas. Parece subir do peito à garganta as queixas de uma ave doente...

O dia desce ainda. Ao longe, as pedras tomam geitos humanos; parecem curvar-se, ora sôbre as ondas, como quem escuta avisos, presságios dos génios marinhos; ora umas para as outras, num amor, num idílio vulgares.

—A procissão? A procissão? preguntam os romeiros, cerrando fileiras em frente à cabeça da rua, onde deve aparecer.

—Ainda vem longe....

Arrasta-se pela vila como uma serpente gloriosa.

Um momento, o Mar agita-se.

É como um órgão imenso, chamando a si todos os registos; o Palestrina da Natureza, golfando a música misteriosa dos seus abismos, em honra à Virgem que chega: vem vê-lo, abençoá-lo!

E a multidão aperta-se, premida por uma curiosidade fatal.

Em seus olhos—abstracção, como se nêles gelasse a Fé.

Figuras soberbas! Se as modelaram as ondas, que roem, mordem as pedras, e, tão prodigiosamente, bordam as almas!

As mulheres, figuras esculpidas pelo Silêncio-de-esperar, quando das tormentas,—instantâneos da Inquietação!

Seus barcos—seus caixões, vogando à cólera das marés, sôbre o tenebroso cemitério alvoroçado...

O estranho Cemitério de Côr! Azul às horas brandas; de cobalto; mármore, quando o desbotam os vendavais; escarlate, aos poentes!

Abismático, misterioso Céu profundo!

Neste Mar é a vida e é a morte dos pescadores.

Esculpe seus corpos, trata suas almas! Trabalha os seus braços estriados como os cabos; suas máscaras, no geito das penedias, —duras, cavadas...

Suas mãos, se se levantam, são orações, flamas; alicates, garras, às horas do trabalho; em descanso—búzios, em que deve zoar o Mar...

Na desolação, no desespêro, bramam, como águas alvorotadas.

Entre gente vulgar, o crime é um borrão vermelho; entre êstes lôbos da água—drama sem medida, Loucura!

Em vez de lágrimas—gritos; em vez do riso—sol!

Reconheço os que, de manhã, seguiam, lentos, ao longo da estrada, cobertos, nimbados da poeira, certos como um rebanho.

Emblemam-nos seus trapos negros; dá-lhes a abstracção—a ansiedade, a distância das imagens. Seu olhar é frio, como se as órbitas lhes segurassem mero pedrisco.

Da bôca em fístula, entreaberta, orações, sonhos gemidos!

Há homens que sentem no peito afectos,

sentimentos, que são como brasas vivas, quando a felicidade ou a angústia os sopra.

Não assim a gente do Mar.

Seu génio guarda a razão fria do génio da água; as mesmas fatalidades a fazem mansa ou alterosa: serra, no mar alto; espelho, no lago.

Tarde afogueada! Quão longe ainda das tardes elegíacas da costa, quando do outono!

—O dia?

Caíra de todo, morto sôbre o Mar, langue, que, ao largo, é como uma nódoa negra e gemebunda; e, perto, na praia, quebra suas rosas enormes, num estridor perturbante, ansiado...

A sombra desce, envolvente, revelando melhor os homens, agora verdadeiros bronzes, peças de uma humanidade que toda é atitude, ilustração genial do Mundo religioso!

—A procissão! a procissão!—ouve-se quási gritar.

Aí vem o grande Auto! O verdadeiro teatro da Natureza, que não é da velha Grécia, nem dos modernos, mas do povo, comovendo-se às leis do Mistério.

Abrem o cortejo alas vermelhas: as Ordens. Moços de máscaras escuras, sêdas escarlates.

Veem fofos, como soprados nas opas, que lhes dão o geito de humanas pionias.

A Cruz!

E, logo, cardumes de anjos e pastoras, toda a graciosa vida do céu na Comédia ingénua dos pescadores,—pobrissimos, mas que nêste dia vestem galas. Em vez de arminho—algodão, que parece guarnecê-los, nimbá-los de bolor!

Os mais pitorescos usam veludilho, lentejoulas, grilhões que recordam amarras.

Alguns, tão pequeninos, mal podem com o tradicional serviço das grandes festas—as lanças, as corôas, a cesta dos pregos, a verónica,—petrechos infamantes ou sagrados dos graves passos do Senhor!

A multidão move-se, como se acordasse de um sono de séculos. Esgarça os olhos para compreender...

E a graça do Auto que se aproxima anima suas formas brônzeas, solve-lhes o gêlo dos olhos, antes quietos, gelatinosos!

Chegam os andores! Onde os mestres que saibam dar às imagens o patético, a tragédia destas esculturas de acaso,—santos sonâmbulos, que parecem talhados em massa de farinha,—e que, todavia, arrastam, movem, qualquer coisa de profundamente trágico, de igual sorte popular e

sobrenatural, onde há uma razão que vence a da própria Arte!

Alguns andores fixam os dramas violentos da Igreja.

São interpretações estranhas, brutais, como as almas que os conceberam ou traduziram. Mas, assim, resultam mais próximas, mais compreensíveis.

S. Francisco leva aos pés o Papa, os dignatários: interpretação verosímil da ida de S. Francisco a Roma, por defender seus princípios, só para almas fortes, de têmpera primitiva.

Tais as almas dos poveiros, mais de todos os vizinhos, que, de tanto privarem com o Oceano, assim entendem, fortemente, o passo, sobrenatural e dramático, do grande santo de Assis.

Mais Ordens!

Veladores azuis, roxos—conforme as opas dos que conduzem os círios.

Êstes mal picam o grande scenário de suas estrêlas ínfimas, hesitantes.

Num andor, um santo parece curvar-se para a multidão: mãos abertas em flor; os olhos pávidos, redondos, lustrosos como contas.

Uma pastorinha, que surde de cabeça nua: na bandeja, as tranças—duas réstias de sol.

Renques de criaturas avançam envoltas

em sudários. Parecem vestir cambraias de vento, lhamas flexiveis, subtis. São os doentes, a quem um fio de graça salvou da morte. Os miraculados do ano! Um calendário trágico, a marcar calamidade, devoção, virtude, chuva de benefícios!

Aquele, tão pequenino, e já mascarado de defunto, a tropeçar na mortalha!

Outro, que leva o coração de Cristo: uma semente em chamas!

Vai a chorar. Cristo menino, sob o pêso formidável do próprio coração!

E aquela Madalena de cabelos postiços! Quantos anos ainda para compreender o papel que vai a representar! Nos olhos, a sombra do Mar...

Perto, S. Isabel, com geitos de ave, como a fugir, a voar. No regaço, rosas de estuque.

Mais cruzes, irmandades; padres falando aos da procissão, dirigindo.

Súbito, surde a Virgem! Vem entre nuvens de algodão, bárbaras materializações do céu alvo daquele pedaço de costa, quando, às horas serenas do dia, a Natureza é uma ostentação de paz.

—A Senhora! a Senhora!—gritam os poveiros.

E suas máscaras transformam-se à visão excelsa!

É em tamanho natural. Em parte, a con-

cepção de Murillo. Usa na compostura aquela graça privativamente sua, que excede a de todos os santos, a de todos os anjos! O génio da Pureza, repassando a criatura humana, nela encarnou, assim, uma só vez!

Entretanto, há uma emenda, de razão popular, na milagrosa Imagem.

Em vez dos braços entrelaçados, como é de uso, dispostos como duas grinaldas, por lhe embrincarem o peito, urna máxima de graças, ela levanta-os ao Céu como quem brada!

Milagre do Imaginário? Ou milagre da pròpria Virgem, comovendo-se na ingénua escultura, sugestionando-se à visão daquele friso vulgar de mulheres esguedelhadas, possessas de desventura e amor, bordando o mar como uma espiguilha de desespêro, a increpar os elementos e a rogar o Céu para que lhes restituam os seus!

Vem em marcha vagarosa, desequilibrada...

E êste andar torna mais verosímil seu geito de aparição!

Todos ajoelham; as mulheres batem nos peitos! Enquanto, atrás, segue, sob o pálio, o Sacramento!

Um clamar humano ensurdece o clamor do Mar. Há massas de vozes sôbre a procissão,

mais lenta ao passo que se aproxima do areal.

Alguns correm para o molhe.

É noite. As músicas que fazem cauda ao cortejo mal sobressaem no grande campo de delírios: a medo parece levantar do chão seu canto gemebundo.

Pouco a pouco se vão acomodando os andores, as irmandades.

O pálio fixa-se, como uma rosa misteriosa, que tivesse crescido da areia.

As músicas rompem com mais alento. Logo, sufocadas!

Sôbre a água, sôbre o cortejo, há vagas, rajadas de vozes, que vencem as do Oceano.

Êste é agora como uma tinta negra, viscosa, humilde...

Hora santa, grave!

A Virgem avança para o Mar!

Cruzam o céu dezenas de fogos, iluminando o arraial dos ansiados penitentes; uns pávidos, paralíticos, corpos vazios, perdendo a alma na mesma derrota que a Virgem leva; outros, feridos de seus pesares ou de suas graças, castigando-se, batendo nos peitos, desmanchando os cabelos, como árvores esfrançando-se aos repelões do temporal...

Mais uma vez o Auto formidável da festa de N. S. do Mar pelos poveiros!

O friso extravagante daqueles instantâneos de humanidade, sôbre o duro chão de areia—palco de sempre!

No Pártenon houve frisos de uma Arte extrema: estrompou-os o Tempo! São hoje sombras perdidas, esmurradas, de uma civilização que recolheu aos museus.

O friso que vingou pelos séculos fora tanta humanidade e classicismo vale a Arte de todos os mármores, de todas as pedras, porque é a Vida, essencial, estreme; a Natureza, ela própria, esculpindo-se na carne incorruptivel da gente do Mar!

O pequeno e mesclado mundo de verão, que finge espiar, admirar, a ira da Água, na praia, à sombra dos seus guarda-sóis amarelos, desconhece esta gente.

Como, de igual sorte, ela o não conhece.

Se diferem tanto!

Uns usam alma e vestuário exóticos, tecidos chineses; dançam e vivem à americana...

Outros compoem a vinheta misteriosa e viva da grande costa de Portugal, com geitos e graças dos génios marinhos, atitudes e destinos para além de toda a confusão!

Verdadeiros portugueses—êstes! E, além de tudo, poveiros, titans certos, *exactos*, de Dor, do Oceano Tenebroso do nosso calendário feliz de algum dia—*Almas sagradas do Mar!*

A

JOAQUIM COSTA

II

O IMAGINÁRIO

Onde a história do homem que valha a vida especial, longinqua, das Imagens?

I

PELOS fins do século XVIII e primeiros anos do XIX, viveu em Baião, numa das extremas do Concelho, freguesia de S. João Baptista, um escultor de merecimento, desde muito esquecido dos próprios conterrâneos.

Chamava-se Custódio Joaquim.

Este nome, como indicação duma memória, é, de facto, bem de molde ao seu descrédito. Ainda eu, sempre benévolo a toda a sorte de predestinação, e, designadamente, à fatalidade de certos nomes, de ânimo fácil consideraria aquele como verdadeiro epitáfio dum Artista, se não houvesse pertencido a alguém de sen-

sibilidade tão notàvelmente apurada, que, a despeito de ter vivido, obscuramente, entre os montes da mais arredada aldeia, conseguiu povoar do seu talento, com imagens magníficas, quási todas as capelas e igrejas do Concelho.

Creio que é a primeira vez que a referência ao Artista é impressa.

E ainda bem. Pago-me, assim, da posse duma imagem de S. Francisco de Assis, que herdei de família, e do seu génio tão desconhecido, como extremado.

Não curei de averiguar a data precisa do seu nascimento e bem assim da sua morte. Soube, ùnicamente, que fôra protegido pelo Abade Manuel Loureiro, da freguesia de S. João, um clérigo que passava a ilustração dos demais colegas do tempo, pelo que chegou a ser Governador do Bispado e membro da Junta do Pôrto, quando da invasão dos franceses.

Quem hoje procurar, numa engelha do monte, a residência e Igreja, onde serviu, há de estranhar, por certo, a paciência dum padre de tal categoria, desterrado naquele quási ermo, onde só o acaso pode arrastar-nos.

Como quer que seja, eu, que fui vítima desse acaso, ao qual já agora sou grato, e por lá vivi os meus primeiros anos,—não

posso deixar de louvar e ver com simpatia a passagem do Abade por aqueles sítios.

É que, ao pretexto da sua jornada, me dou também a recordar aquelas serras, a freguesia humílima onde nasci, e de que trouxe para a vida um regular património de solidão e sombras.

O Loureiro é um cerro mal vestido de mato rasteiro, num ou noutro ponto de giesta e carvalheiras, uma crista irregular, fortificada da penedia, onde se alojam, quando das tempestades, os pastores, e, em dias de feira, a gente de negócios, que ali concorre de longe.

Na planura, eminente a Vila Cova e Honra de Gozende, assenta a Capela da Senhora do Loureiro, donde partem fitas de caminho, abrindo no bravio a costumada rede labiríntica de destinos que, de ordinário, corta as serras.

Parte o monte da encosta de Tuarás, indo até Vila Cova, e abrindo no ponto mais alto um horizonte que se alarga do norte pela serra da Aboboreira, Senhora do Mel e demais contrafortes do Marão, e, pelo sul, vai perder-se nos cumes de Montemuro e outros cerros de Além Douro.

Domingos Vieira chamava a êstes sítios

Paços de Eólo, em razão do vento que aí sopra rijo e constante. A Igreja, do outro lado da Capela, na aba do monte, hoje mutilada por sucessivas reformas, era, no tempo de Manuel Loureiro, um edifício com todo o carácter dos templos do século XVII, de que conserva ainda vestígios.

Abaixo da Igreja, a meio da encosta, era a Residência, hoje quási ruína.

Nesta viveu com o Abade algum tempo o célebre escultor, que mais tarde casou com uma senhora da Casa do Outeiro, passando, depois do casamento, para o lugar da Verdial, freguesia do Gôve.

Sabemos de fonte segura que, após a sua morte, houve um êxodo das mais das imagens com que havia enriquecido o Concelho.

Saíram para Braga, onde foram vendidas por alto preço, a religiosos e artistas, que as adquiriram como obra doutro imaginário, de menos talento e maior fama.

Ora, entre as esculturas devidas ao obscuro artista, foram apontadas, durante anos, duas imagens, na Capela de S. João, numa das dependências da Casa dos Chãos.

A Capela de S. João, imemorialmente venerada, é o templo mais modesto que é possível conceber-se. Surpreende, ainda pela grandeza da sua humildade, o Deus que se

recolhe naquela ermida minima, mal paliçada de murta e roseiras bravas, quási perdida na cerração dos ciprestes, aliás magnìficamente ornamentais, verdadeiros bronzes, fieis de sempre nas suas escoltas e romarias de sombra!

Ali, durante anos, disse missa Frei Domingos Vieira, o velho Padre Mestre, como por lá era conhecido, depois que os liberais o relegaram a Vila-Cova [1].

Era de índole modesta o erudito frade, e por isso se não deixou turbar das penumbras prisioneiras dos velhos templos de

[1] Guardo dêste meu conterrâneo e parente, bom frade e mau poeta, um dos raros documentos que o tempo não destruiu da sua devoção pelo legitimismo. Dirige-se ao modêlo dos reis Miguel I:

Salvè dia sem par, aos Lusos grato!
Assim, surgindo a aurora ao Pôrto exclama;
Em circulos de glòria ao Orbe a Fama
De Miguel imortal mostra o retrato.
De Almacave fitando o augusto Pacto,
Do scetro português senhor o aclama!
É geral o prazer, e só derrama
Pranto de invejas o Brasil ingrato!
Em sinal de Trofeu, com fronte altiva
Entra no mar o Douro prazenteiro
Pelas margens soltando alegre viva,
E, grato ao Douro, o éco chocalheiro,
Nos dous polos repete: Viva, viva,
O modêlo dos Reis Miguel Primeiro!

Braga, luxuosa e exquisitamente vitralizados, onde celebrara com pompa, quando regular no Convento do Pópulo. E a prova de que se deu bem por Vila Cova, até ao assalto do Maravalhas, que então ampliava o liberalismo por aquelas serras—está no facto de ter recusado a mitra que lhe foi oferecida.

Eu não sei até que ponto as sombras de Vila Cova colaboraram no *Tratado de Paciência* que é o seu *Dicionário da Lingua Portuguesa*. Tenho, no entretanto, como certo que dalgum modo o animaram. Mas o que, sobretudo, maravilha é a preferência que êle, contra a Basílica e honras de Príncipe, inerentes à mitra que lhe cometiam, deu à Capela dos Chãos, a humilíssima ermida onde, em criança, eu ouvia missa, aprendi a rezar!

Tem ela um único retábulo, em talha ordinária, com duas colunas que suspendem um dossel em concha.

Abraçam as colunas pássaros inclassificáveis, entre folhas e cachos variegados. Próximo do Sacrário, uma caixa-santuário simples, assenta o crucifixo—duas réguas negras onde agoniza um Cristo, meio-coberto pelos do povo com um saial de linho.

É um Cristo de grandes milagres na aldeia e nos arredores, ainda admirável

pela fisionomia dolorida que o impõe, chamando-nos, aos primeiros momentos de atenção, às razões remotas da tragédia do Calvário, sempre presente no ar fantástico, espectral das grandes imagens.

Não necessita a notável e quási desconhecida escultura, que o tempo tocou das tintas pálidas de Ribéra, dos grandes teatros de sombra que são os templos das cidades.

Revelar-se-ia ainda admiràvelmente nos scenários das mais ricas Igrejas, mas, sobretudo, se insinua ali, longe das penumbras coloridas dos vitrais, naquela câmara de religiosa sombra amenissima, onde o povo que o visita o vê tão sòmente na transfiguração da luz intima que lhe filtra do coração a Fé, aquela mesma Fé que o exalça até à verdade ideal dum Deus vivo, que a sua Dor, como a de ninguem sabe descobrir, entender.

Não possui hoje a Capela outras imagens dignas de nota. Entretanto, teve, repetimos, além daquele Cristo, devido ao talento de Custódio Joaquim, na prateleira central do oratório, um outro santo, de extremada beleza, e ao qual os da aldeia atribuíam ainda a maior estima.

Era a imagem de S. João.

Custódio Joaquim, também autor desta

escultura, havia fixado nela o génio da suprema idade.

Era duma perfeição animal a sua figurinha quási nua, mal cortada da pele de cordeiro que a vestia, braços apoiados no cajado, toda ela duma finura e flexibilidade tão simples, como tocada da graça que dá à beleza o sentido abstracto da misteriosa vida adolescente.

Rematava-lhe o corpo — a cabeça delicada, tão banhada da suavidade sobrenatural que, de ordinário, marca a passagem da criança para o homem, que dir-se-ia sobressair dela o símbolo animado dum grande modêlo, — escultura que o tempo, eterno colaborador de toda a obra, havia dotado daqueles risos, simples e doidos, que brincam, esparsos, em tudo quanto vive.

Tal a segunda imagem, primeira pela Arte e pelo predomínio na presente narrativa, como outrora na Capela dos Chãos, velho templo dos suaves milagres.

* * *

Manuel Loureiro, quando ali pastor, não raro desgarrava da missão sacerdotal sua alma incomportável, estendendo até à intimidade dalgumas devotas os fios da sua

vida aventurosa, hesitante entre a conquista do Céu e os suaves pecados da terra.

O povo boquejava que êle fôra desterrado para ali em razão da sua conduta.

Contudo, aplaudia a idea do seu destêrro, em atenção ao saber e bondade do Abade, a quem todos recorriam nas horas amargas das grandes faltas, e que a todos sabia ouvir, a tudo ousava prover ou atalhar.

Entre as casas freqüentadas pelo clérigo, contava-se a de Lourêdo, uma das de maior lustre do Concelho, e onde viviam duas irmãs, a quem a prosápia tinha vedado o casamento, pois que não haviam encontrado pessoas de sangue nobre com quem se ligassem.

Uma delas, a mais nova, D. Libânia, tinha vinte e cinco anos, bem tratados pelas sombras de Lourêdo, quando ouviu na Igreja a primeira missa do Abade.

Freqüentou êle assìduamente a casa das respeitáveis senhoras, que não deixavam de exalçar a bondade do pastor, que tão bem sabia insinuar-se nas salas, como no Templo.

D. Maria Clara, a mais velha, tinha trinta e cinco anos.

Era criatura ingénua, fadada para entrar no Céu, independentemente da mão dal-

guém, só por suas virtudes,—tão simples que, na sua vida já longa, mal teria engastado os pecados duma coligial bem comportada.

Raro dava pelas faltas dos outros. E não saberia mesmo atingir as mais dessas faltas.

Assim, D. Libânia era, a bem dizer, quem entretinha os serões do Abade que, uma ou outra vez, enxertava a conversa de casos litúrgicos, para interessar D. Maria Clara, que logo acudia a cabecear aprovações, fixando nêle, com atenção, seus olhos quási mortos de safira estragada.

Da convivência com D. Libânia reverdeceu o Abade o pecado da luxúria, ao qual ela cedeu, fácil, deslembrada das velhas recusas de casamento, sem inquirir do sangue, da prosápia do clérigo.

Passaram anos, até que, a pequena voz, correu pela aldeia que êles andavam de amores e D. Libânia de esperanças.

O que é certo é que decorreram os meses do presumido nascimento do filho do Abade, sem que de tal, ao certo, se soubesse...

Ora o milagre tem a fácil explicação que vou dar.

Perto da residência, na outra aba do monte, numa casita negra, sumida entre

um pequeno souto, vivia a Tia Carlota do Sargaçal, como lá era conhecida, parteira experimentada, e a criatura mais exquisita que ainda houve por aqueles sítios.

Tem uma história longa a pobre mulher, mas que, em grande parte, levou inédita para a cova, embora sua Aventura, costumava dizer, triste e sibilina, a devesse canonizar, pela Desgraça, se a Desgraça, só por si, constituisse meio infalível de trabalhar santos...

Como não constituía, consideravam-na os do povo uma criatura maldita, salvo no seu mister de parteira, e ela própria se isolara para aquela casita escura, onde vivia misteriosamente, como quem zela os seus e os alheios escrúpulos apartando-se.

Passava por bruxa; talhava toda a casta de moléstias e vestia defuntos. Corria que secavam as searas donde roubasse frutos. E mais se dizia que dera cabo de seis amantes; que matava as crianças que lhe entregavam de amores ilícitos, e aparecia, à *hora má*, nas encruzilhadas, ou junto das levadas, a cascalhar risos sobreümanos, ou a amentar as almas dos que tinham morrido em pecado.

A Tia Carlota que, constava, tinha sido uma linda mulher, era então uma figura sumida, cara aberta de rugas, em que a

própria Miséria parecia ter andado a grafar, «chupada dos trabalhos e da fome» como informava, vivendo da caridade que buscava ao longe, e do seu ofício de parteira de habilidade, que pouco lhe rendia.

A fama adquirida de matar crianças, provinha do facto de ir perdê-las na Roda de Penafiel, acto legítimo no tempo, ou de as levar a Alhões, nas socavas da Gralheira, onde justava com as naturais a sua amamentação, tudo conforme lhe recomendavam.

Tal o modo de vida da Carlota, nos últimos dias da vida. Em nova, levara a tragédia risonha das mulheres fáceis da aldeia, perdida de vinho e festanças pelas romarias.

Contudo, havia na sua vida de mulher de baixa extracção um ponto de honra de que fazia gala: o segrêdo.

Nunca a sua fisionomia de pedra se abrira para revelar um segrêdo que lhe houvessem confiado.

—Só confessarei a Deus, costumava dizer, as faltas que tenho remediado com a minha desgraça.

Pois que é um pobre senão um remendo, que serve para fechar as faltas dos outros...

E aos mais curiosos dos seus desvios

respondia sempre duma forma aforística, que mais lhes nublava a curiosidade.

—Que querem da minha vida? preguntava, como a si mesma, quando os outros lhe falavam dela.

Levei-a a mangar! A gente é como um barco ao amor da água! Ralarmo-nos, para que?

Para viver?

Bonda um caldo e a luz das estrêlas!...

E fechava a conversa, com o seu rir de sempre, um riso grasnado, em que os interlocutores ouviam, supersticiosos, qualquer coisa de génio ruim.

Foi a Carlota a quem o Abade confiou o segrêdo de D. Libânia. Como foi ela quem assistiu à doente e levou a criança para Alhões, onde justou o seu trato rasgadamente.

Ao entrar no quarto de D. Libânia, encontrou-a lastimosa de vergonha. Doía-lhe sobremaneira, além de tudo, a presença daquela mulher, tão abaixo do seu trato, e que a desgraça tornara sua confidente, sua cúmplice no afastamento do filho, que ela, mais do que ninguém, sabia que era preciso esconder, ocultar de todos!

—Então, minha Senhora, interferiu a Carlota, para que afligir-se mais? Nem só no ruim pano caem as nódoas...

—Que desgraça, que vergonha, Carlota! gemia D. Libânia, escondendo-se com a roupa da cama.

—Qual desgraça? comentou a velha. Rogue a Deus que a erga de-pressa daí, quanto ao mais, há de ser o que Êle quiser...

Não se atormente. Olhe que eu tenho a alma cheia de negras. Ando para aí despegada, com a barriga como um prato, ao sol, ao temporal; às vezes, sem uma linha enxuta, e, afinal, vou vivendo...

Porque a Miséria, disse, desfrazindo a bôca, nunca mata duma vez. E, quando ninguém nos vale, parece que até ela própria nos alimenta...

A gente tem sempre tempo para considerar. Eu, quando era nova, por qualquer coisa era uma cascata; vinham-me as lágrimas aos olhos por dá cá aquela palha! Agora, de maravilha choro!

Enfim, rematou, o que lhe peço é que não se consuma. V. Ex.ª é de maior idade, ninguém lhe pede contas...

E, confiada:

—Se a Providência, ela própria, perdoa os erros, como não há de proteger os *filhos errados*...

Que, a falar verdade Deus é que sabe a quem os confia, quem são as mães amoráveis...

—Mães amoráveis! concluiu, numa tempestade de lágrimas, D. Libânia, são as que se redimem do pecado de ter filhos estrangulando-os!

Se a minha Mãe me tivesse logo acabado quando eu nasci!

—Não diga isso, minha Senhora, sossegue! O desespêro é mau advogado. Tudo passa neste mundo. Umas curam as outras... Juro-lho eu,—uma desgraçada que nunca soube onde a levava o seu fado!

Parece que no meu peito logo deitou raízes a primeira prenda que tive—uma cruz de oiro, ganha pela desgraça! E cá vou andando... gemendo e andando...

Às vezes, mortificada, escadraçada...

Tal o diálogo entre D. Libânia e a Carlota—conversa de menos valor no ajuste dos serviços da pobre velha. Pois quem tudo governou com ela foi o Abade.

Não importa relatar por miúdo o que entre êles se passou.

Manuel Loureiro era homem de rasgo e poucas palavras.

Recomendou a maior atenção com a criança, aliás fraquíssima, e não discutiu o preço de a cuidar.

— De resto, disse à Carlota, escuso de te pedir segrêdo...

Ao que a velha retorquiu:

— O snr. Abade há de saber com quem fala!

— Basta, concluiu o Padre, estamos entendidos!

E, na noite seguinte, partia a Carlota, com a criança para Alhões a procurar ama. Chegou de madrugada, e logo a entregou à pessoa de mais confiança que lhe inculcaram.

— Quero que seja cuidado como um príncipe, disse à mulher a quem a deixou.

E cerimoniosa:

— Êste não é da nossa igüalha!

— Seja quem for, replicou a ama. Nós somos todos, afinal, o mesmo, mulher... Mas vá descansada. Eu terei os maiores cuidados com o anjinho...

Aproximadamente pelo mesmo tempo, andava Custódio Joaquim perdido de amores por uma camponesa de Mesquinhata, a Josefa do Monte, quando, já casado, vivia com a mulher, na Verdial.

Em breve, a Josefa lhe caiu nos braços. Pelo que êle quási dividia as horas entre ela, bela como um fruto, se bem que crimi-

nosa perante Deus e o Mundo—e a sua Arte, sopesada das obrigações de sustentar duas casas.

Até que confundiu a Arte e o Amor.

Lembrou-se de guiar o Amor, desapertando-lhe a venda.

No peito do Artista, criado por aquelas solidões, começou a crescer um sonho, que dir-se-ia disposto, semeado pelo Vento, tão louco êle era!

Pensou em ter um filho de Josefa, que o fôsse também do seu génio de Imaginário! Em compor dela, da sua carne, dos seus ossos, do Amor, uma estátua com fala, e a índole excelsa dos santos!

E começou a trabalhar, num arrebatamento de operário místico, uma figura de adolescente, dum espírito, duma realidade tão de além, e, ao mesmo tempo, tão tocada da graça humana, que distingue aquela idade—a das divinas claridades—que parecia que um poder supremo o guiava.

De facto, movia-o seu instinto, a razão da hereditariedade, tutelando-lhe o sonho, exumando-lhe da memória sua própria adolescência!

Se criar quere dizer repetir, continuar...

Se nascemos já escravos, doentes da forma e do sentido daqueles de quem procedemos!

Contudo, a obra do homem é a expansão do homem!

E para que arrancar-lhe a flor mais alta e melindrosa do seu alegrete de rosas negras — sua mentira de Criador?

Custódio Joaquim trabalhava com entusiasmo em sua obra, fitando Josefa, a quem insinuava que reparasse bem nela, pois que haviam de ter um filho, e queria que viesse um dia a ser assim.

A Josefa sorria, meigamente; em seus olhos brincava o espanto pela loucura do amante!

De sua índole rude, via ela, fechado, o enigma da concepção, que êle, o Artista, lhe queria franquear, devassar com seu génio...

Um dia, anunciou-lhe ela que se sentia grávida.

Custódio Joaquim exultou! A primeira vela do seu sonho...

Depois, meses de transporte, de espera.

A instantes, corria a retocar a imagem, pedindo a Josefa que a fixasse!

Entretanto, a Natureza ia realizando, sutil e obscuramente, seu sonho, no seio da Mãe...

Tal a história do S. João, que existiu na Capela dos Chãos, *modêlo* duma escultura viva: — o filho de Custódio Joaquim.

* * *

Êste nasceu seis meses depois do filho de D. Libânia.

O Artista ergueu os olhos ao Céu, pedindo misericórdia para aquele pecado do coração, revolto dos mais vários sentimentos!

Após o que os volveu à criança, em cujo arrebol de flor-da-graça parecia querer queimar o entendimento.

—Vê como é lindo, e se parece com o S. João! dizia à Josefa. Menos na frescura da sua carne de lírio, que, a pouco e pouco, o sol há de desbotar.

Verás, quando chegar à idade do meu S. João: será tal qual. Poderão revezar-se no altar...

—Vamos, vamos, não me demorem, que a noite não tem cancelas! disse a Carlota, encrespando as sobrancelhas.

Os dois amantes entreolharam-se, como se, do mundo das más lendas, surdisse a bruxa que, implacàvelmente, devia aparecer a arrebatar-lhes o pequenino astro do seu Amor, porcelana viva duma graça, que, para ela, embora filha do pecado,—provinha do Céu; para êle—era a obra-prima do seu génio, da sua Arte!

O escultor apertou-a mais contra si, sentando-se no catre da doente, que abriu os braços em asa sôbre o recêm-nascido, num geito aflito de águia que defende a criação.

— Então? rouquejou a Carlota.

Para onde lhes foi o juízo?

O combinado?

Ou querem que, amanhã, ao pintar do dia, todos saibam do acontecido?...

E, num momento, arrebatou a criança dos braços do pai, que lha entregou, a tremer, cheio de susto, pela sua fragilidade.

Era então corrente, por toda a parte, desembaraçarem-se os pais dos filhos, quando lhes era preciso encobrir faltas.

O filho adulterino foi, pois, entregue à Carlota, a velha recoveira de crianças, junto das amas da Gralheira, ou da Santa Casa de Penafiel.

Por èste tempo levava o Artista sua vida àrdua de trabalho, sem frutos de maior proveito. Vivia, exclusivamente, de suas obras, pois existia ainda a usufrutuária da Casa da Verdial, onde residia, — uma parenta de sua mulher.

Um dia, apareceu-lhe a Carlota, suspirosa, a participar a morte do pequeno.

—Que tinha morrido, como um passarinho, informou.

E, consoladora:

—Ainda bem, ainda bem! Os filhos da Desgraça nunca deviam morrer mais velhos...

Quem não pensava assim era Custódio Joaquim, que esperançava do pequeno, que vira, apenas, uma vez, no dia do nascimento,—que viesse a ser o seu continuador, e a quem queria educar, mais tarde, segundo suas posses.

Ficou desalentado, cruciado da inesperada notícia,—acusando-se, intimamente, pelo haver confiado a estranhos.

—Quem poderia garantir-lhe, raciocicinava, que lhe não tivessem abreviado a vida os desleixos, senão os maus tratos?

E, a espaços, inquiria a Carlota, que logo acudia a sossegá-lo, contando maravilhas dos cuidados da ama, as inculcas que tirara, mil nadas a que o Imaginário se apegava na cerração do seu desgôsto.

Até que morreu, passados anos, poído de trabalho e saudades.

II

VINTE anos depois.

O Arcediago Manuel Loureiro havia levado consigo, para o Pôrto, o filho, Paulo, duma acuidade doentia.

Tentou o padre leccionar-lhe parte do seu saber de humanista. Mas o discípulo reagiu às generalidades da sciência, estudando tão sòmente o que era mais afecto, ou menos hostil, ao seu temperamento de desacomodado.

Intratável, sem ser violento, evitava, pelas mais diversas maneiras, os estranhos, fugindo, sobretudo, aos serões do Arcediago, figura central da diocese.

As visitas segredavam-se, a miúde, que o afilhado de Manuel Loureiro,—assim era geralmente indicado—não parecia escorreito.

E a medicina, chamada a intervir, quando das suas melancolias, não ia longe do simplificado diagnóstico, dizendo-o — um *débil mental.*

De facto, havia clareiras duma inocência tão marcada em sua maneira de proceder, que mal podiam levar-se em conta da idade.

Era em plena adolescência; o olhar quási apagado; o rosto — triste, embora guardando uma côr e fisionomia de rosa.

Umas vezes, ansiado, sem se explicar os motivos; outras, quieto, horas e horas, como se o petrificasse o génio da Estatuária. Chegava a perder o conhecimento das pessoas que o rodeavam. Tensão arterial frouxa; tinha alucinações, a atenção dispersa, linguagem tropeçada, mimica fácil, exagêro místico, ideação extravagante.

Em sua carteira de habilidoso — a maior confusão de figuras, algumas cheias de expressão, notáveis de vida e rasgo.

De resto — quási um manequim, atitudes e branduras dum desenho mole.

Manuel Loureiro, no culto cerrado do do seu amor por êle, não estranhava, como os de fora, seu ar abstracto, seus geitos de enleado, como obedecendo ao impulso fatal duma razão distante.

O que o preocupava era a saúde dêle, sua vida de estampa, o alçado melindroso

de sua natureza de estranho, belo como um esmalte de Limoges, mas deteriorável, vivendo a vida emprestada das Imagens!

Se em sua figurinha, glabra e doce, de serafim, havia uma pequena alteração, qualquer capricho de razão nervosa, que lhe empalidecesse ou incendiasse a carne, normalmente pétala-de-rosa — o Padre acudia logo, sobressaltado, a chamar médicos, a queixar-se a toda a gente.

Até que, vencida a crise, o atentava, comovido, ora de rosto molhado de lágrimas, ora de cara solheira — como quem acaba de o desviar dum precipício!

Um dia que, inesperadamente, desmaiou, tombando na alcatifa, como uma porcelana que se despenha,—o Arcediago ficou assombrado.

O médico, logo chamado, não atribuiu razão de maior alarme ao sucesso.

Era o caso de sempre — a debilidade do doente — pelo que recomendou mudança de ares.

Manuel Loureiro, se bem que profundamente contrariado, antevendo as saudades que a sua ausência iria trazer-lhe, deliberou, em cumprimento do que lhe fôra prescrito, mandá-lo, um tempo, para S. João.

D. Libânia exultou, agradecendo a Deus a própria doença que lhe remetia o filho,

por quem suspirava, certa de que em breve se restabeleceria, entre aquelas serras de Milagre e os seus cuidados.

E, dentro de pouco, êle era, em Lourêdo, junto de D. Libânia, a mesma criança caprichosa e amimada que fôra no Pôrto, e, também, de igual sorte, caprichosa, quási insensivel aos extremos da Mãe, que o adorava. D. Maria Clara havia já morrido.

No campo, levava Paulo uma vida mais livre do que no Pôrto.

Quando não ficava em casa, a desenhar, ou a ver gravuras,—serviços que lhe tomavam dias,—ora errava pelos bravios, abstracto, como alumbrado pela luz branca das serras; ora quedava, a atender os pastores, de quem ouvia histórias trágicas.

O monte da Senhora do Loureiro, que domina Vila Cova, Honra de Gozende e Vila-Moura—era, então, um teatro feroz da Natureza, conhecido e comentado, a muitas léguas em redor, por seus crimes. Povoavam-no, horas altas, as quadrilhas do Maravalhas, guardas avançadas doutras, que, mais tarde, por ali se concertaram, ou bateram, comandadas por José do

Telhado, José Pequeno, Faísca e Lapa,— bandidos célebres, alguns dos quais esmaltaram de interêsse a Literatura contemporânea, após haverem feito falar seu Romantismo às bôcas dos arcabuzes.

Num grupo de penedos—espécie de dólmen natural,—faziam, por vezes, as partilhas dos roubos. Pelo que, horas mortas, cortavam a treva do monte archotes luminosos, que os lavradores enxergavam, de longe, cheios de mêdo, encomendando-se a Deus.

Ali foi pactuado, entre os bandidos de quatro concelhos, o assalto a Castro Daire, —assalto notável, em que os ladrões deram batalha à tropa, e em que, de parte a parte, houve fuzilaria, sanha e baixas notáveis.

Quando da magna reünião preparatória, é fama que as sombras e a vozeria cobriam de tal sorte o monte, listrado pelas lumieiras, que todo êle era um arraial de guerra, conjuntando, realizando o quadro dum assédio heróico!

Assim, também, quando do inventário dos roubos da Lixa, de Vila-Cova, Cadeado e Carrapatelo. . . . .

A divisão do último foi sanguinolenta. Na noite seguinte à do assalto, resolveram os bandidos, dada a exigüidade do apuro, discuti-lo em campanha.

De manhã, o sol fulgia, na serra, sôbre chapadas de sangue e lâminas perdidas.

Fez sucesso, na aldeia, a chegada de Paulo. Sobretudo, entre as raparigas, tocadas de sua beleza de estátua, tão para além de toda a gente que conheciam, com quem privavam!

Êle é que mal parecia dar por suas curiosidades.

Em seus olhos de cristal, a frouxos aluminados, nevoavam, quando junto delas, melancólicos embaraços.

Era uma espécie de génio, símbolo doloroso dos seus silêncios voluptuosos de abstémio!

A primeira rapariga que o viu, observou e foi contar às outras que o afilhado do Arcediago era tal e qual o S. João da Capela dos Chãos!

—Toma cuidado com êle, replicou-lhe uma delas, se é assim bonito, não vá comprometer-te com algum milagre...

Paulo sabia pelo Arcediago, vagamente, a história de Custódio Joaquim, por quem, também preguntava a D. Libânia, curioso das fontes e dos rumos da sua Arte.

Ás horas nítidas do dia, quando não ficava em casa, a desenhar ou, perdido

em sua abstracção, ia internar-se nas sombras da Capela da Senhora do Loureiro, ou da matriz do Gôve, só por viver na intimidade das imagens que o Artista ali deixara.

Era voz corrente que servira de modêlo à Virgem do Gôve, hoje ainda na Igreja, embora mutilada,—a Josefa de Mesquinhata, no tempo em que, adolescente e pura, o escultor primeiramente a conhecera. Esta havia morrido apaixonada, corria, por ter abandonado o filho.

Estas histórias e, sobretudo, a visão hierática das imagens, transfigurando-se das penumbras que vestiam seus sêres de graça, naquelas doces ermidas do Silêncio, eis o que, particularmente, tocava a índole de Paulo, de si inclinada às pesadas e indefiníveis fatalidades da Arte.

Um dia, soube da existência do S. João dos Chãos, a melhor obra de Custódio Joaquim.

Imediatamente, se dirigiu para lá.

—Quere ver o nosso senhor S. João das Travessuras? preguntou-lhe a filha do Barbosa, quando êle lhe pediu a chave da Capela.

E, ao entregar-lha:

—Vá vê-lo, vá. É o seu espelho...

Paulo entrou alvoroçado.

Primeiramente, cego do sol, que levava

nos olhos, mal deu tento do grosseiro retábulo, das imagens.

Até que estas se lhe revelaram, crescendo das sombras seus preciosos relêvos de maravilha...

—Então não se parecem, meu Pai, o senhor S. João e o Snr. Paulo? preguntou a Emília ao Barbosa, ao entrarem ambos na capela, quedando junto do filho do Arcediago.

—Sei lá disso! tregeitou o Barbosa, pondo a mão em beirado sôbre os olhos, a procurar o santo.

E, dirigindo-se a Paulo:

—Deus lhe dê, menino, muito bons dias!

—Para que é isto? preguntou o filho de Manuel Loureiro, sem responder ao cumprimento, e apontando uma aranha de ripa, que mal cabia na capelinha.

—Pois para que há de ser? disse admirada, a Emília. É um andor por armar, para a festa, que é daqui a oito dias...

Paulo volveu a fixar a figura maravilhosa de S. João, que, invariável e magnética, o fixava, lhe sorria; e saiu.

III

NAQUELE ano haveria festa de estrondo, esperavam e iam anunciando os do povo.

Era juiz o Azevedo *brasileiro*, que chegara havia meses de Manaus.

Não se falava noutra cousa, entre Minhães e Gozende.

Mordomos—os maiores contribuintes da freguesia.

O Azevedo era brioso. E, além de tudo, viera rico, a inferir por suas dádivas, festanças e obras.

Nestas, salientava a edificação da Casa, no lugar do antigo pardieiro em que nascera—um prédio amplo, com geitos de armazém, em porpianho, janelas quadradas, esquadrias embrincadas, telhados corridos, altos, de Marselha; portas amarelas.

Era como um grito de côr, no outeiro castanho, aburelado, do Cubelo.

Na véspera do dia santo, noite das travessuras, três músicas: a de S. Cipriano, de Penafiel, e a de Ancêde.

Como prémio à que se distinguisse — duas moedas.

— Havemos de deixar a um canto o juiz da função do S. Bartolomeu, dizia um dos mordomos, muito confiado nas generosidades do *brasileiro*.

Êste não desmerecia a confiança geral.

Não houve lembrança, capricho do povo, a que não atendesse.

Mandou vir um prègador de Braga; fogo, balões e um pirotécnico de Viana.

— Eia, rapazes, dizia o Manuel Barbosa, na noite do fogo, alumbrado pelos clarões dos foguetes de lágrimas, que lhe empalideciam a carranca de diabo jubilado, em que não ria um sò dente — uma festa como esta, não lembra!

Nem a da Senhora de Todos os Remédios, nos ganha!

Isto é que é fogo!

E para os criados:

— Vamos, toca a preparar o vasilhame. Estou a ver que não chegam as três pipas...

Ao cantar do galo, estão ao alto!

E seguiu para a loja com os criados.

Enquanto a mulher e as filhas com gente de fora, ficavam a cuidar das iguarias, na grande cozinha,—ruiva da labareda imensa, que as bailava, mais às paredes, ao ritmo do ansiado crepitar da lenha, como se trabalhassem num laboratório fantástico, de satânica alquimia.

Sôbre a masseira—reses mortas, prontas para o forno, que exalava da bocarra quadrada chamas curvas, que, a espaços, a Maria Barbosa corria a espalhar com o varriscador, muito suada e senhora do serviço, e sempre falando às filhas e ao pessoal de fora.

Nos tachos,—fritos, boiando em lagos tempestuosos de azeite, e lançando na orquestra vermelha do cetinoso mar das labaredas—sua música chiante.

Fora—uma azáfama como, antes, não constava. Aldeias em pêso acampadas no Monte. A Costa do Loureiro coberta de sombras e de lumes; nas barracas—festanças, cantares ao despique, chulas; almas, tremulando nas asas inefáveis do vinho; e todos dando largas à sua alegria, esquecendo trabalhos, agonias...

A manhã revelou um curioso mundo de figuras pálidas—um painel de ceras, algumas pávidas; outras torporosas, em côma;

e todas surpreendidas no instantâneo da fadiga daquela trabalhada noite de festa!

Aqui e além — pedintes: monstros, cegos, toda a sorte de miseráveis, abrindo no arraial avenidas lamentosas de Calvário.

— Donde aqueles restos de gente?

De toda a parte!

Que o lixo humano redemoinha como o outro...

Onde as asas, que vençam, valham, as da Desgraça?

No ar, cortando, cobrindo os risos do arraial — suas lamúrias.

Alguns, — gente oleada, surra dos tratos, quási só miséria e ossos, para ali despejados, — múmias abandonadas e sonâmbulas, ganindo.

Outros, rojando-se, abjectos, quási canalhas, enleando-se nos que passavam, agarrando-se-lhes, com geitos e fôrças de afogados!

E todos exalando dos corpos imundos, olhos e bôcas ao ar, — a cantilena enervante do seu pedir miserável, espécie de canção tétrica dos túmulos!

Espalhadas, breves, como quem voa, crianças, animando, auxiliando a gente pôdre. Umas, esfarrapadas, mostrando, através os rasgões, corpos vencendo a própria Miséria: mármores a crescer... Outras,

rapariguinhas, de claro olhar inocente, em que já vogava a tragédia. Esquivas e azougadas como anhas, faces de risos murchos, desertas de alegria, reforçando, apontando os aleijados, que floresciam dos corpos amarelidos, cadaverosos—dálias irreais de tabidez coruscante.

Segue o tumulto, a alegria!

Onde a cheia que não leve enxurro?!

Com o avançar do dia, chega mais gente. Vem acrescentar o grave desenho forte, todo em massas; pintalgar, vingar a solidão agreste dos demais dias, ajudar o sol!

Enquanto à roda da paliçada de buxo, que tufava, afogava, a capelinha, com seus abraços verdes,—os devotos davam a volta de joelhos, apegando-se às ceras, do comprimento de aguilhadas; e correndo, misteriosos—olhos e alma ao alto—suas contas de louça.

No ar,—cinza viva de palavras, crepitando na luz. A fala estranha, falseteada, das romarias...

Paulo foi à missa cantada com D. Libânia.

Presidia ao ofício o Arcediago, recém-chegado do Pôrto.

Quando o mancebo transpôs o arco de

murta e rosas que enfrentava o Templo, houve no povo um murmúrio, que logo subiu, nevoando-lhe a cabeça como se fôra uma auréola, resplendor de perfume que falasse...

Tal o estranho da sua figura branca, o génio peregrino da inesperada ressurreição do novo Deus heleno glorioso!

IV

NA noite seguinte, horas mortas, o Manuel Barbosa acendeu o lampião, e, saltando da cama, saiu, a ver o gado.

As lojas eram distantes de casa, fora das portas fronhas, e êle temia que lhas assaltassem.

Semanas antes, outro tanto tinha sucedido em Vila Cova, roubando os quadrilheiros uma junta de touros, de que o dono nunca mais soubera.

—Eram uns touros da côr das libras, mansos como borrêgos, sem defeito, dizia o lavrador a chorar.

Súbito, o Manuel Barbosa distinguiu um vulto, que desapareceu, cauteloso, no adrozito da Capela, confundindo-se na sombra esguia dos ciprestes, a dois passos da porta.

Um momento, o lavrador quedou a escutar.

Depois, acompanhando e referindo o barulho, percebeu que alguém arrombava a porta do templo.

Correu, leve, a prevenir a filha:

—Emília, Emília, ergue-te, e vai chamar a tua mãe, enquanto eu vou acordar os criados! É preciso fazer já, já, uma roga pelo lugar; anda gente na Capela!

—E, então, assim é preciso o poder do mundo? comentou a rapariga.

—Pois, não há de ser! Quem são os ladrões? Alguns bonifrates, ou os pobres da sexta-feira, que não podem com as sacas do pão?

Grande tola! Aquilo, quanto a mim, é gente de fôrça; são alguns graúdos, destemidos, dos que navegam, às noites, por essas serras!

E, confidente:

—Ainda eu me não chame mais Manuel, se não são os do Maravalhas que veem levantar as esmolas da festa!

E correu para os beirais, a chamar os criados.

—Vamos já a êles! disseram os moços afoitos, à interpretação do lavrador.

—Vós, sem mais ninguém! duvidou o Barbosa. O Maravalhas desfaz-vos...

Os criados levantaram-se, mas para se sumirem, em breve, por entre o casario tortuoso do lugarejo, a rogar os vizinhos, com os quais concertaram cercar a quadrilha.

Em pouco tempo, tomaram os portais, caminhando divididos em massas, colunas cerradas de gente, no geral armada de engaços, fouces e paus ferrados; machados; tudo o que puderam haver às mãos.

A princípio, mal se ouviam, a distância. Mas, pouco e pouco, as suas vozes foram crescendo, animando-se, até romperem, certas e nervosas, num alarido insurdecedor, de enxame assanhado.

—Então não querem ver, a Capela aberta, arrombada! informaram os primeiros que venceram o adro.

Dentro, ninguém...

—Fugiram! disseram em grita.

E, espiando o retábulo:

—Lá foi o S. João! Não tiveram mais tempo...

—Sigamo-los, vamos em sua perseguição, que os agarramos! mandavam os mais ousados.

—Alto lá! interrompeu o Manuel Barbosa, tomando-lhes o passo. Aqui manda um, que, ainda que mande *mal*, manda melhor que todos juntos, mandando *bem*...

Senão, não nos entendemos!

E, aproveitando a clareira de silêncio, que se seguiu à sua intimativa:

—Rapazes, os homens estão por aí emboscados; não tiveram tempo de fugir...

Os portais estão fechados...

Vamos, uns por um lado, outros por outro, bater o rechão. Que nós havemos de encontrá-los...

A ver se, enforcados, servem para espantilhar essas uveiras; como, depois guardam a passarada... Raça de ladrões!

Em momentos, desceram as escaleiras da eira, repartindo-se a bater o primeiro campo.

—Cá temos caça! gritou o mais avançado. Aqui, venham cá!

Todos correram a ver quem era.

E, animando-se uns com os outros, começaram, à porfia, a ver quem se apoderaria do criminoso, até que o primeiro que o descobriu o agarrou, ainda como quem duvida da presa, tal o geito sutil da sua figura de sombra.

—Uma luz, uma luz! berregavam!

—Estava enleado no pé daquele lodo, como se fôsse uma vide, ó diabo! explicava o que o prendera.

Foi chegando povo.

—Desembrulha-te, tratante, que o junho

vai quente, mandou um dos da patrulha, ao criminoso, que vestia um capote, amplo, folgado, à laia de sombra.

Vamos, queremos ver-te a fachada...

E o moço descobriu-lhe a cabeça, puxando-lhe o capuz, ao mesmo tempo que lhe corria as bandas do capote.

Não podia ser maior a surprêsa dos presentes.

O ladrão era Paulo, o afilhado do Arcedíago, que o luar revelava, fazendo mais lívida sua figura lívida, abraçado ao S. João, sorrindo, e de tal sorte distante de toda a ideia de delito, que menos parecia um criminoso, do que a vítima, êle próprio, do insólito sucesso,—da desgraciosa farça indiscreta, grosseira, do povo, estorvando sua entrevista, a-desoras, com a Imagem...

V

A consideração pelo antigo Abade de São João, a quem o povo devia tão desvelados cuidados, e ainda a amizade que D. Libânia, em extremo esmoler e carinhosa para a freguesia, votava a Paulo—salvaram-no dos maus tratos, que noutras condições iriam até à ferocidade, atenta a valia do roubo, um santo milagrosíssimo, que todos zelavam, e a quem queriam como a um protector.

Contudo, levaram-no ao Julgado, onde ficou detido.

O que logo constou em Lourêdo, onde o Arcediago e D. Libânia receberam a notícia aflitíssimos.

No dia seguinte, foram os interrogatórios do acusado, perante muita gente. Dos que compareceram, uns foram por curiosidade, outros por interêsse no processo.

Embora contrariado, não podia o Juiz deixar de receber a queixa.

D. Libânia e o Arcediago lançaram-se a caminho da séde do julgado, chegando ao tribunal cêrca do meio dia, hora dos interrogatórios.

A pobre senhora ia alarmadissima, caminhando como se levasse no peito uma lâmina que a rasgasse a cada um dos seus passos. Era a sua prosápia de mulher de sangue; o delito sacrílego que fulgia a seus olhos como a estrêla negra do seu pecado— o filho, afinal procedente de coito danado, do êrro em que arriscara a alma, que a trespassava; o medo do castigo que, por certo, ia puni-lo bem fundamente, quem sabe se matar-lho!

Como poderia aquela criança com a pena correspondente a tamanho delito, ela que não tinha mais vida, nem menor delicadeza, do que uma açucena!

De igual sorte, o Arcediago, fanático por Paulo, ficara incomodadíssimo. Embora confiado no seu poder político, mal podia tranqüilizar-se pela falta do filho, que também sentia, para além do vexame, como um caso de verdadeira desgraça, de expiação!

Entrou D. Libânia conturbadíssima na casa da Autoridade, seguida do Arcediago,

que chamara a si toda a fôrça da sua esclarecida vontade, para representar, perante a alvoroçada assistência, a maior tranqüilidade.

Paulo compareceu no interrogatório, como aparecia sempre, vago, quási indiferente.

O Juíz, especialmente atencioso para com Manuel Loureiro, levou seu primor a convidá-lo a inquirir o mancebo:

—Como te lembrou, começou êle, firmando as palavras, e como escolhendo-as na bôca, antes de pronunciá-las, entrar de noite na Capela dos Chãos?

—Fui buscar o S. João, respondeu Paulo, naturalmente.

O Padrinho resolveu que eu fôsse para o Pôrto, ainda esta semana; e eu que não queria apartar-me dêle, deliberei ir buscá-lo, para o levar comigo!

Um murmúrio de espanto cresceu da multidão.

—Mas não sabia que praticava um roubo? interveio o Juiz.

—Um roubo! repetiu Paulo. Porque?... Ninguém quere mais ao S. João do que eu! Ocultá-lo-ia de todos. E, em lugar de pertencer ao povo, de quem são, afinal, todos os santos, êste seria só meu...

Se eu nunca tive, nem pedi mais nada...

—És uma criança, comentou o Padre,

afogando as palavras num sorriso de falsa tranqüilidade, e atentando o povo, primeiro e último juiz de tão dolorosa farça.

Precisavas de ser palmatoado...

Porque o S. João é bonito, te interessa, entendeste que devias possuí-lo, tomá-lo para teu companheiro de brinquedo!

E para o Juiz:

—Uma criancice!

—Não soube a responsabilidade em que incorria? continuou o Juiz.

Não sabia que a Imagem era da Capela, do povo?

Nova impaciência na multidão, e logo imprecações, que a Autoridade conseguiu, a custo, reprimir.

Mas, daí a momentos, o sussurro voltou, havendo na assistência como um movimento de maré.

—Que é isso? interrogou, irado, o Juiz.

—Sou eu, sou eu, Senhor, que quero passar, para pôr todo êste entremez a claro, e esta gente não me deixa! gritou uma mulher, dentre a multidão.

E, aproveitando o silêncio que se fizera sôbre as suas últimas palavras, encarando o Juiz, que a fitava:

—Eu quero ir aí dizer, gritou, perante Deus e a Justiça do Mundo, que êsse menino não cometeu roubo nenhum!

E, aproximando-se do Juiz, depois que a multidão abriu alas:

—A Imagem é dele!

—Está doida a mulher, disse um dos do povo.

—Não estou doida, não! replicou voltando-se para a multidão.

E para o Juiz:

—V. S.ª deixa-me falar?

Dando pelo assentimento dêle:

—Eu sou a Carlota do Sargaçal—a mulher desgraçada, um rodilhão do mundo, que toda a gente julga que conhece, e que, afinal, bem poucos sabem quem é!

O meu coração é como uma campa, onde trago, fechados, os segredos e as misérias de muitos!

Enfim, hei de dar contas a Deus do que passei por cá, nem o mais da minha vida interessa a V. S.ª...

O que eu quero, por agora, é clamar as razões porque a Imagem do S. João dos Chãos não foi roubada...

Era tão firme a atitude da Carlota, tão serenas lhe saíam as palavras, silabadas, como sopradas de sua bôca desdentada, misteriosa e escura como uma furna, que, na sala, se sentiria a mínima asa que lhe rasgasse a atenção.

Dir-se-ia que havia ali uma suspensão de vida; que só a Carlota vivia...

—Há vinte anos, continuou ela, foram-me entregues duas crianças, para eu mandar criar por umas amas da serra, em Alhões.

Uma delas era filha duma fidalga e de um senhor, de muita estimação, rico.

A outra era filha de Custódio Joaquim, o santeiro, que fez a Imagem de S. João.

Eu vi-o trabalhar em casa da mãe da criança, a Josefa de Mesquinhata, a rapariga mais linda que ainda conheci, e olhem que eu, meus senhores, tenho visto muito, já conto perto de dois carros...

Ia muito por casa dela.

A Imagem da Senhora do Loureiro é a sua pintura; fê-la Custódio Joaquim, que Deus haja, quando a Josefa ainda não tinha mácula...

Êle mandava-a sentar numa cadeira e ali estavam horas, ela quieta, e êle a olhar para ela e a trabalhar...

Depois, mais tarde, veio, com a tentação, o pecado...

E êle, que lhe queria muito, disse-lhe um dia: vou fazer um santo, como o nosso filho há de ser...

E pega de trabalhar com tal amor, com tal canseira, que dentro de pouco o santo ia a encarnar...

É a Imagem que ali está, e bem sabe que não minto, disse apontando para o S. João, que, sôbre a mesa do tribunal, sorria para o argüido.

Depois, todo o povo sabe que a Junta comprou a Imagem da Senhora do Loureiro; justando a de S. João, que Custódio Joaquim depositou na Capela dos Chãos, à espera que lhe fôsse paga.

Nunca mais a Junta pagou!

Firme bem isto, V. S.ª, disse, dirigindo-se ao Juiz, enquanto eu remato a história das duas crianças que fui levar a Alhões...

Elas, faziam pequena diferença na idade, só dois meses.

Ora o filho da fidalga, era muito miudinho e doente; morreu quási logo.

O filho de Custódio Joaquim é aquelle!

E a velha apontou para o réu.

—Eu, Senhor, menti aos pais, como êles mentiram, por pejo, afinal, por conveniência, como eu, a toda a gente, escondendo o filho!

Mas a Deus, cada vez o sinto mais, ninguem mente: Êle tudo vê...

O Custódio Joaquim, coitado, Deus lhe fale na alma, levava uma vida atrapalhada; também não era rico...

Pouco me podia dar pelos recados e cuidados em que eu me gastasse, com o filho.

Enquanto que os outros, os pais do que tinha morrido, eram pessoas de teres...

Menti, já se vê, para governar a minha vida!

E, com os olhos no alto:

—O que um pobre scisma, para ganhar a migalha!

Mas ainda bem, ainda bem, que aquele menino nada perdeu com o lôgro que fiz.

Tirei-o da casa mal remediada do Pai, para o dar à fortuna que lhe têem dispensado, por fazerem mercê aqueles de quem o julgavam filho—os padrinhos, a Senhora D. Libânia e o Snr. Arcediago...

Já vê, Snr. Juiz, que aquele menino, cujo verdadeiro nome é João e não Paulo, filho do santeiro Custódio Joaquim, não roubou nada!

Foi buscar o que era seu, tudo o que lhe ficou do Pai, e que bem pouco é...

E, numa cascalhada sêca para os circunstantes:

—Porque sabe o Diabo tanta coisa que se passa no mundo, senão porque é velho!

E aí está como eu, também, uma pobre velha, vim esborralhar todo êste entremez!

E ria, ria, aos gorgolões, como se para lá da bôca sombria, misteriosa como a abertura duma mina, cachoasse, longe, uma ribeira...

—Afinal, continuou, dominando a audiência, se não tivesse sido uma mulher

tão desgraçada, se fôsse uma mulher como as outras, não valia um chavo...

Assim, ainda depois de velha sirvo para arrancar os alinhavos dos olhos da justiça!

Enquanto a Carlota falava, o Arcediago, congestionado, tomado de surprêsa, ia mudando as máscaras.

Nas últimas, predominava o rítus cómico da dor mal reprimida.

As palavras da velha, batendo-lhe na fronte, pareciam queimar-lha, arrepanhando-lha.

D. Libânia, a custo composta pelo milagre de sua educação e raça, alteava, digna, o busto pálido de Dolorosa, como monumentalizando, gelando, sua íntima tempestade.

Apenas dos olhos sua alma de torturada arrancou duas lágrimas, que lhe cortaram, tristes, o rosto frio, de seda magoada.

Estas—as primeiras lágrimas que chorou pelo filho, morto havia vinte anos...

* * *

Assim cessou o ledo engano do Arcediago e de D. Libânia, pela sua condenação, íntima e pública, naquela manhã inesperada da distante e terrível Justiça de Deus!

—Anda cá, minha Carlota, conta-me histórias de meu Pai, de minha Mãe, dizia João, abraçando a Carlota do Sargaçal, sentados ambos num banco de pedra.

Quero saber tudo, conta-me tudo...

E ela sempre a dizer as mesmas coisas, a repetir como conhecera a Mãe, o seu desgôsto, a paixão do Pai, quando o julgaram morto...

Após o que concluía:

—Então o menino não está ainda farto de ouvir esta sanfona?

O Governador, que aparecia a furto, sentava-se, carinhoso, junto dêles, começando, invariàvelmente:

—Ora vamos lá a ouvir mais uma vez a Fada e o Menino encantado...

E assim passavam horas.

Entretanto, os do povo haviam-se conciliado com João.

Ao contrário do que êles pensavam, êste não se apossou da Imagem.

Fê-la, ùnicamente, mudar...

Em vez de continuar na capelinha, foi, acompanhada por todos, para junto da Senhora do Gôve.

Instintivamente, o povo atribuía à Escultura, irmã de João pela Beleza e pelo Amor, mais um milagre!

Fôra ela, de certo, afirmava-se, quem induzira o mancebo àquele passo, para lhe revelar, dizer, a procedência...

Enquanto a Carlota, vidente, jurava que os milagres do Santo, vinham já do tempo em que o Imaginário o concebera. Por isso, gerados a um tempo, êle e João saíram, de tal sorte, semelhantes...

Entretanto, êste ia diàriamente ajoelhar na campa do Pai, perto das Imagens.

E ali passava horas, a fitar a Senhora do Gôve, cópia da Mãe, e o S. João, bruxo fantasma da sua adolescência de rosa!

A Adolescência, que tão estupendamente o Imaginário vira, avançara!

Nada mais tocante, ainda para os do povo, do que observar a figura branca e ascética do moço, ajoelhado, oferecendo-se a Deus, puro e distante, em holocausto às faltas do Pai, sôbre cuja memória pesava a sagrada e originária culpa de três grandes esculturas—a da Senhora do Gôve, a de S. João, a do Filho...

Até onde o Amor, o Génio!

A

MÁRIO BEIRÃO

III

IRMÃ DAS ARVORES

O génio do Homem é estupendo, mas o da Árvore é mais belo!

I

O comboio trazia um atraso de trinta minutos.

Quando chegou a Mosteirô, apressei-me a procurar a pessoa que esperava.

A breve termo, vi, saliente, encaixilhado pela porta da carruagem, a figura alta de Rodolfo Allori.

Olhava, como quem tenta soletrar o nome da estação, hesitante em descer.

Quando me viu, volveu dentro, a colhêr uma pequena mala, e, em pouco tempo, seguíamos, caminho de casa.

Inverno sêco: dezembro. Tarde fria, dum frio ameno, que me dava a sensação tónica duma holanda que nos passasse pelo rosto, pelas mãos.

Caminhávamos, apressadamente.

Ao chegar próximo da ponte de Pôrto Manso, Allori parou.

Em sua figura clássica, flexível, de italiano—é um florentino de nascimento e criação—traduziu-se o alvorôço duma admiração súbita.

—Grandioso, belo!

E, envolvendo-me em seu olhar verde, que lembrava, àquela hora crepuscular, a sombra misteriosa dos bosques fundos:

—E era o meu amigo que se extasiava com os vales que recortam Florença!

Ah, se eu pudesse trocar: levar para Itália o Vale de Ancêde! De bom grado, lhe mandaria o de *Colli*, o de *Ema*, todos os vales que de lá quisesse...

—Repare, meu caro Rodolfo, contestei, que o *Vale de Colli*, e, ainda, o de *Ema*, são, universalmente, conhecidos, admirados.

Êste é um vale quási inédito!

Só figura nos mapas portugueses; que nada dizem da sua beleza...

—Que fortuna de Côr! repetia Allori, com entusiasmo, pesquisando, em redor, o Douro, e os laranjais, que transpareciam da neblina.

Quando chegamos ao portão, o italiano abrandou o passo.

E, dando à máscara de mármore uma expressão violenta, preguntou:

—É lá, em cima, que mora?

—Sim, informei, no casarão velho. Vai ver a minha Cartuxa...

Recebê-lo hei no meu cubículo de frade das Letras.

Teremos um jantar que não excederá muito, por certo, o daqueles frades de S. Bruno que visitamos, juntos, no Mosteiro de *Ema*. Lembra-se?

Esqueça as festas do *Donney*, os serões do *Savoy*...

—Ah! volveu distraído.

Passados momentos:

—É singular! O Destino talha para cada homem uma vida, certos recursos; e não mais êle pode fugir ao que lhe preordena!

Tornando a fitar-me:

—Se soubesse donde venho; como aqui vim parar!

Não pode presumir!

Quando em Florença lhe prometi que, viria, um dia, vê-lo, sabia lá quando cumpriria a promessa!

Afinal, venho fugido! Depois, saberá porque...

Fugido das sombras que o Destino incluiu no meu drama; de mim próprio...

E, quando julgava chegar aqui, com o coração ôco, vazio de toda a sorte de sentimento, — a entrada de sua casa, à ponta da escarpa, velada dos ciprestes, entre laranjais, inesperadamente me insinua o scenário suave-grave do *Generalife* — diadema de Granada: para mim, a momentos, o paraíso e o inferno do Mundo...

Chegamos a casa.

Findo o jantar, quási correu à janela, a ver, a espionar a noite.

— Esta hora é triste, concluiu; solenemente triste, vista dos seus miradouros...

Animando-se:

— Curioso: de cada janela uma página da Noite!

A música constante do rio! A Escuridão, aqui, tem voz...

— Ámanhã, prometi, encantado com as hipérboles do italiano, lhe ensinarei algumas das maravilhas dêste recanto.

Dia a dia, colhemos, por cá, uma luz diferente: algumas vezes — luz extraordinária! E, cerrando as janelas, aconselhei a braseira próxima.

Redolfo sorriu, brandamente, ao fogo, — como se assistisse a uma cerimónia religiosa e sentou-se, perdendo o olhar na bacia de cobre, cheia de brasas.

No estrado, uma gata persa, velha ami-

ga,—a *Ironia*, elástica ao menor carinho, agora um novelo fulvo, alumbrada...

—Bela! anotou Allori. Uma porcelana de Copenhague!

Após o que se distraíu, examinando a braseira.

—Que está a ver? preguntei. A simplicidade do pobre cobre faz dor!

Veja se me remete, dum esconso de Florença algum braseiro esquecido do Cellini!

—Estava a ver, contestou, a linda rosa de brasas. Em vez do perfume, o calor!

Fitando-me:

—O que chama pobre cobre sugere-me a bôca duma cisterna, duma daquelas tão vulgares cisternas de Itália, algumas, de facto, do génio de Cellini—tapada por uma flor, a peonia de lume que nos aquece...

—Há muito que saiu de Florença? preguntei.

—Há meses! Venho, como há pouco lhe disse, de Granada.

Da minha fatal Granada! Se soubesse!...

Volvendo a fixar-me:

—Há de saber tudo. Que vento de Espanha me trouxe até sua casa...

Depois, levantou-se, e tirando da mala de mão um rôlo de papeis:

—Aqui tem um estranho diário, o meu diário.

Como devo partir, infalivelmente, àmanhã, cêdo, e não seria justo que enchesse as poucas horas que lhe destino com episódios da minha vida, cá lhe deixo estes papeis, atados num dos abraços que lhe trazia.

Fará dêles o uso que quiser!

Já me não pertencem...

E, sombreando a máscara de mármore, mal tinta da luz do *abat-jour:*

—Nunca é de mais para um novelista a história *exacta* de duas almas.

Além de que, explicou, no caso presente, se desejar aproveitar a história que lhe deixo, não tem mais do que alterar dois nomes.

É um drama de simbolos, em que eu, por meu mal, represento a humanidade,—esta fraqueza que vê, e pouco vale!

Ela, sim, pois desdobra do seu *drama estranho,* uma fortuna de *Inverosimil,*—a primeira e grande pedra da Arte de hoje,—passando, nos vôos altos da sua alma, as próprias regras do velho mundo maravilhoso!

Conversamos, largamente, noite morta, à influência do florão vivo das brasas em que, a espaços, o italiano parecia mergulhar o sentido.

Ás palavras saíam-lhe orquestradas, se-

gundo aquele dizer cristalino, tão da sua língua.

Rodolfo Allori tinha vinte e quatro anos.

Era um descendente de artistas, um dos quais fôra notável — o pintor Cristofono Allori.

Aparentava menos idade; dir-se-ia um adolescente da melhor escola de Miguel Angelo: tipo perfeito, linhas precisas; figura elástica.

— Porque extravagante favor da estrêla destas escarpas, onde assisto ao abismar de tantas noites monótonas, a par das sombras dos enervantes silêncios — veio ver-me o raro visitante de tão longe, passar comigo um rápido serão?

Eis o que êle me ia sugerindo, numa linguagem de sumário, timbrando, enchendo de voz as palavras para que melhor o compreendesse.

Ao encontrá-lo, casualmente, em minhas habituais digressões de exílio, o meu espírito exultara. Ninguém melhor do que Rodolfo Allori poderia indicar-me a beleza eterna dêsse grandioso Paço do Renascimento que é Florença.

Contudo, a preciosidade de Florença é tão evidente, de tal sorte se insinua no ânimo do Artista, que quási dispensa indicações, *cicerone*.

Seja, embora, êste, Allori, — pintor, escultor, poeta: uma ressurreição, êle próprio, do génio da Renascença!

Mas, aqui, nestas escarpas, nesta solidão, onde o Destino levantou minha tenda de voluntário apartado — a sua presença deu-me o inexplicável alvorôço dum sonho!

Quando nos levantamos de junto da braseira, era manhã.

— Indiquei-lhe o quarto que lhe fôra destinado.

— Não será preciso, disse, consultando o relógio. Dentro duma hora, devo partir...

Abri uma janela.

Nevara. As coisas, envoltas pela neve, haviam perdido seus inferiores contornos. As casas guardavam, ùnicamente, as linhas essenciais.

Tudo branco! Só o Douro, em baixo, arrastava barulhento, colérico, seus grilhões de água amarela...

— Espantoso! quási gritou Rodolfo.

E, abraçando-me:

— A boa dor que levo destas horas; dos seus quiméricos Paços de Cristal!

Ainda tinha no peito lugar para esta santa dor! Que admirável deve ser a jornada daqui para o outro Mundo!

Um vôo de Astro a Astro...

II

DOIS anos antes chegara a Granada, ao *Grande Hotel de Alhambra*, uma senhora, que, por sua rara distinção e beleza, deu na vista.

Maria de Portugal, pintora—dizia o cartão, que entregou, quando a convidaram a indicar o nome.

Poderia ter vinte e dois anos: não aparentava mais. Usava um traje bizarramente elegante: espécie de bata verde, de geito grego, que a modelava, revelando-lhe o corpo de falsa-magra, ao menor movimento; chapeu ligeiro da mesma côr do vestido; fitas, joias em cristal e esmalte—verdes.

Ainda os olhos claros tinham no seu rosto luarado de flor inverosímil, um significado divinamente falso: dir-se-ia que via por duas esmeraldas.

Recusou-se, delicadamente, a declinar o passaporte, com o pretexto de que o seu cartão esclarecia o preciso—sua procedência portuguesa e seu mister; e exigiu quatro aposentos na ala-sul do Hotel.

Passaram meses. Dia a dia, sua lenda foi crescendo na população pouco variada da casa, constituída, especialmente, por ingleses e americanos.

Contudo, nenhum viver mais simples do que o de Maria de Portugal.

Levantava-se cedo. Invariàvelmente, ficava, em êxtase, horas, sentada a uma das janelas, como quem assiste a um esplendoroso drama:—à entrada da luz no mar intensamente verde da Veiga.

Nem o mais rigoroso inverno, um daqueles invernos que parecem descer, espadanados pelo vento, na tormenta, da astral Serra Nevada, nem o estio forte do belo trecho da Andaluzia,—então, um alto forno,—conseguiam desencaixilhar seu busto precioso de Aparecida, duma das janelas, sôbre a grande paisagem abstracta!

Depois que acordava do êxtase, dos grandes jogos de côr, em que sua alma andava, mais as névoas, no grande mar de esmalte, levantava-se, a tocar uma e

outra das preciosidades do seu salão particular, como quem as trata, necessita passá-las por suas mãos finas e translúcidas, do mais puro nácar, para que vivam, sem desgôsto, diàriamente, a seu lado, irmãs pela Fantasia:—almas de fria graça; *fetiches* melindrosos de porcelana e cristal.

A um lado, sôbre uma mísula, uma figura em vidro verde de tamanho natural, representando Maria: tão fina e alada, de tal sorte transparente, que logo se desvanecia da memória de quem a visse. Espécie de fantasma de gêlo; água do Mar condensando, esculpindo uma sereia...

Nas paredes quadros seus: uma ou outra rara figura de pequenas dimensões, entre grandes telas-esmaltes de Insectos, Árvores, Água...

A um canto, num quadrozinho, uns olhos: —seus milagrosos olhos de arroio...

Noutro lugar, numa tela alta, longa—cabelos côr de ferrugem, sôbre um fundo de sombra verde: raízes penetrando, flutuando num lago...

Aqui e além,—sombras por acabar.

—Sombras de pedras?

Algumas lembravam penedos da beira de água, da borda do Mar, pedras com ademanes, geitos de humanos!

—Sombras de árvores, aquelas?

Pareciam ser. Contudo, seus constrangimentos, suas expressões aflitas, seus êxtases,—as curvas espiraladas, violentas, os arremessos de seus intencionais desenhos, inculcavam-nas como outras tantas figuras dum extravagante mundo de doentes,—de doentes vegetais, embora, exprimindo-se, revelando-se à magia dum pincel tão molhado, tão penetrado de alma, como ainda não aparecera.

O quadro—*Filigrana* era a Alta Granada, a escarpa, mole suave de Alhambra, coroada, bordada de tôrres e paços. Mas de tal sorte pintada que sua surpreendente fisionomia de maravilha, resultava menos da razão árabe que das condições naturais da admirável Tarpeia do sentido:—verdadeiro Templo do Ar, desgarrando, flutuando, na névoa, a habitação dum estupendo génio sortílego!

De tempos a tempos, acrescentava com um novo quadro, sempre uma extravagância do seu talento, monstruoso e profundo, a extremada galeria.

Ora pintava ràpidamente, como quem tem pressa de fixar uma fisionomia, uma sombra; ora levava horas, dias, a realizar uma veladura.

Não tinha descanso seu pensamento de Arte.

Debalde os que vilegiavam em Alhambra, de fora e do Hotel, procuravam atraí-la às suas diversões.

Escusava-se friamente.

—Não tenho tempo, informava.

Ao fim dum ano de freqüência em Granada, poder-se-ia dizer que as pessoas de suas relações eram, além da ama, que a acompanhara, as dos primeiros dias que se seguiram à sua chegada; os conhecimentos indispensáveis: pessoal do Hotel, guardas do *Alcácer* e *Generalife*, o correspondente e pouca gente mais.

Como para maior garantia de estudo, por não distrair sua figura hermética de religiosa da Arte, nem mesmo descia ao salão, ou casa de jantar: não queria relações; evitava ser perturbada em seu sonho de trabalho, dum trabalho pertinaz, fecundo. Pelo que mandava servir pela ama suas refeições, sempre sòmente de frutas, num dos aposentos que reservara.

Alhambra é, ainda às horas estivas, admirável, em razão dos seus arvoredos, acolhedores como catedrais. Pela tarde, um paraíso de côr, patente às grandes transformações da Natureza.

A espaços, descem sôbre ela velilhos

subtis dum vento ameno, aragens desdobrando-se dos brancos sudários que envolvem a Serra Nevada, noiva perpétua da bizarra Andaluzia.

Se é facil a qualquer terra vencer em grandeza ou importância Granada, dificil será ultrapassá-la em graça,—na graça que lhe advém do seu sistema de grimpas, tão notàvelmente mascaradas de quiméricos monumentos; na fortuna espectral de seus bosques, Alcáceres e Tôrres da Côr; nas curvas enigmáticas de suas colinas; em seus montes perfurados pelo génio misterioso dos *gitanos;* nas ribeiras dum vivo esmalte verde; em sua linha de muralhas, restos de quadrelas, tufadas de álamos, de troncos de seda e figueiras bravas; em suas escarpas. . . . .

Cintam os graves Paços dos últimos dramas da conquista—o *Genil* e o *Darro.*

Os bairros que pejam Alhambra são ainda de génio mourisco, casas-favos, donde surdem figuras ambarinas, silenciosas e tristes, como devem ser as da gente em cuja alma pesa a herança dos vencidos.

Séculos de abandôno não conseguiram desmurar o *Alcàcer,* as *Tôrres Vermelhas,* o *Generalife*—todas as grandes joias de arquitectura de Àlhambra, imemorialmente expostas às ferezas do tempo e dos homens.

Os Paços árabes são arremedos do seu paraiso brilhante e sensual, em que há jôrros de Sombra e jogos de Luz; labirintos de graça colorida, geométrica; florações fantásticas de estuque; as lições mais perfeitas de côr, e de linhas obtíveis; tectos--firmamentos do Irreal.

Palavras de Amor, da Luz—eis a linguagem esplêndida das suas paredes, cobertas de versiculos, dos preceitos mais fundos ou alados de sua religião de voluptuosidade e ócio, esculpidos ou pintados em suas letras misteriosas de Alcorão, como dispondo-se em festões de rosas que falam; dizendo ao tempo sua lumiosa hosana de glórias!

São assim os Paços de Alhambra, suas salas mais brilhantes—a sala dos *Embaixadores*, a dos *Abencerragens*, a das Irmãs; os pátios; os miradoiros; toda a aérea construção do melindroso alçado que corôa Granada.

Ah, sem o menor esfôrço de imaginação podemos reconstituir as horas negras do mole Boabdil, quando da escarpa eminente ao *Generalife*, sentado na lendária *cadeira do Mouro*, dirigiu, pela última vez, seus olhos molhados, àquele favo predilecto de palácios!

—«Chora, é fama que lhe disse a Mãe,

como mulher, o reino que não soubeste defender como homem!»

Como não chorar—o Moiro de alma embrandecida, sôbre a perda das finas *houris;* dos saudosos miradoiros; das águas tão suavemente estilizadas dos belos Paços, que dir-se-ia silabarem, ainda, versículos do Alcorão;—à hora apenumbrada do seu adeus para sempre aos murmurosos arvoredos de Alhambra; aos sidéreos Paços de Oiro, fantásticos, onde tanta vez errara, e que não tornaria a ver!

O Generalife, antiga residência de verão da Côrte, é um Alcáçar de Sonho!

Domina o Darro—a Galeria, onde queda, entre várias telas, a figura de Boabdil: formoso até ao efeminado.

Subtil como uma renda, o alçado do fino alpendre, um dos mais belos, por certo, do Céu de Islam,—o mais quimérico da Terra!

Onde a graça que exceda a do sutil Paço; dos jardins chadrezados a água; seus jogos de Côr; o ar grave e hierático dos brônzeos ciprestes longos; o esmaltado ser da sua fisionomia de joia?

Nestes jardins, passava, grande parte do tempo, Maria: ora pintando, ora meditando

a Natureza, aquela Natureza prodigiosa que, às vezes, a influía até enervá-la, adoecê-la.

Tornara-se quási popular, conhecida entre os guardas — que lhe chamavam *Irmã das Árvores*, *Maja dos Jardins*, a *Louca das Flôres*. De resto, sempre tão exacta, tão assídua nos pátios coloridos do *Generalife*, às horas permitidas, tão serena e rítmica em seus êxtases, que dir-se-ia uma estátua, a *Estátua da Côr*, por singular capricho da Administração, hospedada, às noites, no *Grande Hotel de Alhambra*.

De contínuo vestida de verde,—arfando na *toilette*, brandamente, à aragem, era, de longe, como uma outra árvore,—árvore de flôr única:—a do seu rosto esmaiado e cetinoso, dum palor suave de lua.

* * *

Inverno ameno.

Certa manhã, estava ela sob um macisso, emboscada, recoberta das trepadeiras, como vestindo-se das paredes vivas do encantado recanto,— atentando o albor da suave manhã de sonho, tão maravilhosamente reflectido, iriado, no orvalho das flôres, quando entrou um novo visitante nos jardins do *Generalife*.

A princípio, não deu por êle.

Distraia-se da população, sempre tão vária, de Alhambra.

O recém-chegado esteve um momento, perplexo, acaso perdido naquele mar de singulares tenuïdades, frouxos enervantes de Côr.

Após o que se sentou, como mareado da extravagante vaguidão, no primeiro banco, de costas para o alpendre.

Permaneceu assim largo tempo.

Depois levantou-se, e, sem se voltar, quási caiu no chão húmido, de olhos ansiosos para a trança de água que corria no primeiro caleiro.

Abriu a seguir um álbum e esteve a desenhar, horas. Os desenhos: instantâneos a lápis, que de seus olhos ansiosos, pareciam correr para o papel ao ritmo leve da água.

Maria, que durante algum tempo não o viu, logo que êle começou a desenhar— fixou-o, como um novo elemento do Jardim.

Pensando:

—Uma estátua que não desdiz:—o Darro!

Meio deitado, o busto flectido sôbre a linha da cale misteriosa, atraído, preso do seu tumulto branco, lembrava, de facto, um génio fluvial, um daqueles génios que dos livros de fábulas transitaram para os jardins: marcam a verdade da Arte, com-

pondo a gloriosa fauna mística dos mármores, dos bronzes.

Chegou a hora de Maria se retirar. Naquele dia, não fizera mais do que ver, trabalho ainda grave para a Artista.

Era quando dos seus maiores tormentos: impressões, visões, pareciam rasgar, penetrar seu sentido doente, como relâmpagos duma electricidade inesperada.

Atentou o Céu, lendo as horas na luz.

Como quem se sente alcançada pelo tempo, levantou-se, rápida.

Mas logo retomou seu ar de figura abstracta, abrindo ao sair, dentre as trepadeiras, um rumor de brisa...

Um momento, o desenhista olhou, vendo-a, surprêso, como uma imagem que, surgindo dum lago, trajasse sua sombra verde, fantasmal!

No dia seguinte, já o Artista estava no lugar da véspera, deitado no sentido do aqueduto, desenhando, quando Maria apareceu nos Jardins do *Generalife*, por entre a guarda, supersticiosamente atenta, dos empregados. Entrou, leve, não correspondendo mais do que com um brando bater de pálpebras, aos cumprimentos do pessoal de serviço.

O Artista, que olhava, a momentos, para o portão, distraindo-se do desenho, logo que a viu, atentou-a, como quem procura fixar uma imagem a desaparecer.

E, quando passou, levou, insensìvelmente, a mão ao chapéu,—soerguendo-se.

Maria atravessou, desatenta, o pátio, sem dar por êle, que, em seu diário, a fixou em dois traços, escrevendo, sob o desenho: *Uma réstia de sol num cristal verde!*

De tal sorte se acostumara à natureza prodigiosa do *Generalife*,—que, uma vez ali entrando, logo se alheava de tudo o que não fôsse a vida das suas árvores, da água, das flôres, dos seus insectos, de suas escarpas, da sua luz.

De momento, trazia-a, absolutamente, interessada, uma árvore: uma laranjeira, que os guardas afirmavam ter prisioneira a alma da favorita do pobre Boabdil.

Debaixo desta laranjeira, era tradição que ela fôra surpreendida, traíndo o amor do Mouro.

Pelo que, diziam os guardas, por vezes, suas franças baloiçavam sem que noutras passasse uma refega: a moira a pentear-se...

Outras vezes gemia queixas fundas, longinquas, que nunca outras árvores tiveram.

Maria passava horas a ver a Árvore. Até

que um dia lhe descobriu geitos de mulher. Começou a pintá-la, surpreendendo-a em sua expressão aflita: tronco espiralado; pele bronzeada; ao alto, — um esbôço de face duma beleza pávida, enigmática; no lugar dos olhos — dois buracos, como nas caveiras, fôfos de musgos, dum podre irreal; ramos em sarça, à laia de cabelos; braços longos, de ultra-humano desespêro sôbre o abismo!

Como se lhe revelara?

Sabia lá! Contudo, ninguém deixaria, ao ver a pintura, de apontar o modêlo: tão profundamente a Artista havia vincado o seu carácter; reproduzido sua fisionomia, a forma; avançando, exprimindo-lhe a dor, seu drama!

Era vulgar ser Maria visitada em seu casual *atelier* do *Generalife;* raro, porém, interrompida em seus trabalhos, pois se a interpelavam, só excepcionalmente se prestava a explicações.

Naquela tarde, atentava ela a sombra colorida da Laranjeira, tão notàvelmente expressa de seu pincel sortílego, quando se aproximou o estrangeiro, dirigindo-se-lhe em francês, e pedindo licença para ver a tela.

Maria atendeu-o, surprêsa, verificando que era o desenhista da véspera.

—Sim, disse ela, arredando o quadro de si, e colocando-o contra a árvore.

E, sorrindo:

—Se se trata dum Artista, a averiguar dos seus trabalhos de ontem...

—Ah, surpreendeu-me a desenhar de rastos! Supunha estar só...

Reconsiderando:

—Que não é deprimente ao homem ser réptil alguma vez para servir a Arte!

Vendo a tela:

—Que vigor e distância de desenho!

Reparando no modêlo:

—Um fantasma revelado, pintado, por outro fantasma! Um génio arborescido... Que esfôrço de alma!

—A pobre Laranjeira é assim, contestou ela. O tempo e as lendas lhe fizeram a fisionomia...

E, desviando o olhar dos ramos, para encarar o Artista:

—Certamente, quando menina, era bem outra; devia ter tido uma adolescência suave. Os guardas dizem que é do tempo da última rainha de Granada, e fôra testemunha das suas primeiras desgraças; que hoje é a prisão viva de sua alma...

Eu creio em tudo isto. Não há coisa que não esteja encantada, a que não haja pe-

gado uma palavra mais sentida dos antigos donos,—um carinho, uma desgraça!

O mundo vegetal é um tesouro de impressões, de Impressionismo.

Porque havemos de negar tão admirável poder à mais eloqüente das árvores do *Generalife*, testemunha incontraditável da Lenda...

—Do pincel; da alma da Artista genial, devemos dizer, corrigiu o estrangeiro, mergulhando os olhos de verdete nos olhos claros dela, suaves como os gomos dos arbustos.

—Não, replicou Maria. Esqueça a tela, e veja bem a Árvore, seu geito dramático de Dolorosa!

Repare, parece dirigir-se para o abismo! Como se comporta em sua notável mímica, e joga suas atitudes no *écran* tão mudável e maravilhoso do dia!

Onde o *cinéma*, o teatro de silêncio, os prodígios da scena moderna, os palcos de sombra, que vençam a sombra da Trágica estupenda?

E a Artista animou-se, pintando das palavras, do espírito, que lhe brotavam da bôca em ferida,—duas rosas, na face branca.

O estrangeiro, primeiramente encantado com a voz da interlocutora, fixou, por fim, os ouvidos dela, por ver como, sob os seus

cabelos côr de ferrugem, aqueles se dispunham em duas flôres do mais puro nàcar.

Em sua voz de fonte misteriosa—por seu distante cantar ainda uma fonte do *Generalife*—o sussurro perturbador dum enxame de cristais...

Depois, pensava, turbado, Rodolfo,—um espírito duma realidade tão requintada; dum sentido da Natureza tão apurado; sua neurose de Beleza; sua figura branda, como talhada em gêlo; seus olhos verdes de água; o corpo de cisne, espécie de ilustração modernista, colorida pelo vestido, côr dos olhos;—ah, como tudo lhe avultava, dando-lhe a ilusão duma sublime mentira, que êle tinha mèdo de tocar, que temia ver apagar-se, desvanecer-se, como misteriosa nuvem...

—Quanto a mim, continuou ela, o que perde a maior parte dos artistas são os alardes da Arte..

Se procurassem lê-la só nas coisas humildes! Identificar seu sentido com o sentido dos mundos em que não fala a vaidade,—quantas obras novas, quantas maravilhas inéditas!

—Ah, se me orgulho de ouvi-la! murmurou o estrangeiro, acordando do êxtase em que a estivera vendo.

Quanto vale para a escola de que faço

parte, para o meu sacerdócio de Arte—tão nítido exemplo!

—Como assim? preguntou ela, sem compreender.

—Faço parte duma seita. Entendo que, no momento, todo o Artista, para que seja visto do Labirinto, precisa de escolher, autorizar uma seita; arvorar um trapo negro, numa vara bem alta; estrelar-lhe uma grande virtude ou uma grande mentira; e seguir então...

—E qual a seita a que pertence?

—A dos *Arbitrários!*

—Conheço; tenho a revista da seita—*Napoli*. Muito interessante!

É italiano?

—Sou italiano...

—Vejo, agora, a razão dos seus trabalhos de ontem, os motivos imediatos, eleitos, de sua Arte.

Tinha-o pressentido, pensado. Houve um momento em que o seu corpo perdeu a graça da sua adolescência admirável de romano, para se tornar uma raiz...

Era como uma raiz sôlta, à borda do canal!

Estranha fortuna de identificação com um dos maiores valores do mundo:—a raiz!

Confusão gloriosa...

Sorrindo:

— A mesma da Árvore, vegetalizando a dor, o corpo da bela *houri*...

— O seu nome?

— Chamo-me Rodolfo Allori!

— Conheço-o! disse ela. Mostrar-lhe hei trabalhos seus, se os quiser ver.

Adquiri-os, justamente, na exposição dos *Arbitrários*, tão brilhantemente levada a a cabo no Tejo. Lembra-se de que veio a Lisboa o cruzador inglês — *Hamlet*, espécie de cidade flutuante da Dúvida; e aí se conservou semanas?

Foi um sucesso para Portugal, que teve, nas águas de sêda do Tejo, uma escola de graça, como, entre nós, não tinha havido; e foi um sucesso, creio, para os expositores...

Recordando:

— Devo ter, pelo menos, três desenhos seus; algumas pinturas...

Ah! já me lembro: — uma das telas chama-se — *Devotos:* multidões de lírios, assistindo a um ofício...

Outra intitula-se — *Paraiso artificial (mulheres, monstros e génios finos).*

— Ah, se eu fôsse, pudesse ser, o Artista-escravo, o dos moldes gregos ou da Roma gloriosa, à ordem de tão alta senhora, para encher seus museus! comentou Allori.

Maria de Portugal olhou, um momento,

surpreendida, para o italiano; mas logo mergulhou a vista nas franças do arvoredo. Voavam, no abismo, neblinas, algodoando, suavemente, os ramos.

A prodigiosa luz de Granada era, agora, nos longes, como um diadema a desvanecer-se...

Maria levantou-se, estendendo, friamente, a mão a Rodolfo.

E, como uma sombra de fumo, còrada de verde, desapareceu, suavemente, com o imprevisto, a lentidão maga e teatral da Tarde...

Passaram oito dias sem que Rodolfo conseguisse mais do que vê-la atravessar o pátio do Hotel, até à carruagem.

O italiano, em cujo ânimo Maria se havia, primeiramente, insinuado, e, depois, gravado duma maneira insólita, começou por procurá-la, confiado na mocidade, certo do triunfo, que, necessàriamente, lhe advi-ria da sua figura rara de Artista, que ela conhecia já, pela qual dera no *Generalife*, com quem privara...

Não se sentia êle belo como um Deus, um Carrara vivo, no qual a Natureza dis-pusera a flor da Arte mais complexa—es-

pécie de orquídea da ânsia moderna, — fecunda, doente-de-criar!

Como desprezá-lo a mulher, a êle — em cujo íntimo fervia a brutalidade dum sátiro; em cujo corpo estremecia o encanto das formas ideais da graça humana, apuradas nas duas civilizações fortes — a da Grécia e a de Roma — que do mármore, pensava, haviam passado à sua carne?

— Ah, tudo, menos deixar-se abater pela Dor!

Pois não era êle o irmão das Estátuas?

Não das estátuas góticas, filhas da aflição, da tortura humana; mas daquelas que formavam a *Alva Cidade* da grande Arte, — quando da adolescência radiosa do belo período de Oiro!

Perante tão sincero raciocínio, em sua figura não havia um velilho de sombra.

Se, ao atravessar o pátio colorido do Hotel, para subir para a carruagem, Maria atentasse nêle, verificaria sua inalterável figura de mármore!

Mas não atentava.

E Rodolfo não tinha sequer a certeza de que ela alguma vez o visse.

— Aonde iria? por onde seus passeios misteriosos? preguntava-se.

Não lhe era fácil sabê-lo, de momento, sem incorrer numa desgraciosa indiscrição.

Saía em carruagem sua. Cocheiro e trintanário eram como duas figuras cortadas dum álbum francês, das grandes épocas, para acompanharem a Artista,—espécie de mulher-flor, sem época...

A ama, que a servia em seus aposentos, era criatura discreta.

—Quási muda, informavam os criados; fala, se é possível, menos do que a Dona.

Contudo, nada de especial havia a averiguar acêrca das periódicas excursões de Maria.

Ia ver, tratar de perto a Natureza, percorrendo traços de colina, perdendo-se, nas sebes, pelas engelhas dos montes, vencendo a pé o altar de pureza que é a Serra Nevada; e que amava, ainda, ver de longe, e, em sua ideação radiava como um giz formidável, no soberano *pastel* que era toda a Andaluzia!

Certa manhã, não pôde mais conter-se Allori, e escreveu-lhe.

Lembrava a promessa dela, de lhe mostrar alguns trabalhos: ser-lhe-ia quási indiferente ver os seus; mas não assim os dela; queria, sobretudo, ouvir-lhe ainda a Arte, sua voz, em cuja cadência sentira, confessava-lhe, uma outra Natureza. Antes de conhecê-la, de ouvi-la, percebia que todos os

elementos haviam suas expressões, suas falas.

Mas jamais, a si, devoto-penitente dos arroios, das pequenas águas, estes elementos se haviam revelado como depois os sentiu em sua voz. Pela primeira vez lhe falaram, compreensíveis, a fina melodia profunda da Terra e dos mundos altos, ignorados!

Ah, terminava,—ela não podia negar-se ao que lhe pedia, ao que prometera...

Maria recebeu a carta e respondeu, imediatamente, marcando as dez horas da noite para o receber.

Entregou o bilhete à ama, e saiu.

Naquele dia dispensou carruagem, embora houvesse deliberado um largo passeio, pelo monte eminente ao Darro, para ver e conversar a gente que ai vivia em furnas, os ciganos,—população misteriosa, de quem ninguém sabia ao certo as origens; de olhos cautos e carne crestada, como trazendo nos corpos tisnados o sol rigoroso e longínquo da sua aventura de nómadas. Eternamente perseguidos, e sempre presentes!

Entusiasmava o viver enigmático e profundo daqueles sêres. De facto, aparições!

Ninguém mais livre; e, contudo, parecia sombreá-las o medo-de-viver!

Em cada homem, como em cada coisa, um enigma de Beleza!

Maria de Portugal interessava-se menos pelas criaturas. Sentia mais tudo o que se exprimia por atitude, pela forma, pela mímica, por vezes, tão dissimulada, das coisas.

Tinha para si que a fala era o menor atributo da espécie. Sem ela, o homem seria uma urna perfeita de graça!

Assim, desmentia quási sempre, falando, o destino da sua forma sagrada.

Era uma ânfora, um barro de mentiras! O homem era o animal único, pensava, que mentia por hábito. Todos os animais, e, sobretudo, os inferiores, só dissimulam por defesa, em perigo da vida...

As árvores, as pedras não mentem nunca!

Da humanidade, interessava-a, especialmente, a parte mais misteriosa; e daí a excursão pelo *Monte;* sua privança com os ciganos, cujas trapaças, cheias de génio doloroso, ouvia como se consultasse, atendesse, o Tempo.

Chegou ao Hotel tarde: oito horas.

Allori, que passara a manhã na *Alcaçaria,* revendo aquele favo deserto do velho comércio moiro, recolheu, depois do jantar, ao

quarto, esperando, impaciente, a hora de falar à Artista.

Quando deram dez horas, fez-se anunciar.

Veio a ama recebê-lo.

Indicou-lhe o salão particular de Maria, e saiu.

Instantâneamente, o abalou uma grande comoção. Não via Maria, e, contudo, pressentia-a em tudo quanto o rodeava; no arranjo e qualidade dos móveis: dir-se-iam moldagens, gessos dos seus desejos; nos trabalhos que mascaravam as paredes: reproduções coloridas dos seus sonhos, tão admiràvelmente reveladores dos monstros que povoam o íntimo da Natureza, ou das graças inéditas que levantam, alam, a vida sutil e maravilhosa das coisas; no extravagante quadro de côr que era o salão: um lago, deliciosamente verde, em cujos fundos de luz vogasse o sentido mais belo e alto!

Chegou a Artista.

O italiano dobrou-se levemente, beijando a mão que Maria lhe estendeu.

—Marquei-lhe esta hora, disse em sua voz fria e timbrada, de fio cristalino, ao mesmo tempo que lhe apontava uma ca-

deira,—para que me não tivesse por avara do tempo. É para mim a menos recolhida; a mais ociosa...

Perdôe-me se o fiz esperar.

—Oh, aqui ninguém espera! Se só agora encontro a Alhambra verdadeira, neste salão da Luz!

Fitando-a:

—Eu é que tenho de pedir perdão pela insistência com que me fiz lembrado...

—Fale em italiano, recomendou Maria, nesta língua, interrompendo-o. Compreendo-o, falo-o!

É a voz mais musical que conheço. Devem tê-la aprendido primeiro os vidros de Murano; depois deles, a gente de Veneza, que a ensinou aos demais italianos...

Não há cantores como os vidros venezianos. Onde a Trágica, morrendo num estrado com o grito, os gemidos líricos duma taça de Murano, partindo-se?

Um cego, que o não seja da sensibilidade, dir-lhe há a Côr...

Contudo, conheço linguagem mais estranha; sabe qual?

Á negativa dêle:

—A minha: a portuguesa!

Seria a voz da sombra, se esta precisasse falar...

Rodolfo atentava-a, perturbado.

—Vou mostrar-lhe os seus trabalhos, disse, levantando-se, e tirando dum móvel uma pasta larga, donde escolheu três desenhos.

Um momento se tocaram os dedos dos dois, ao receber êle os trabalhos.

Rodolfo estremeceu, como se o tivesse atravessado uma corrente da mais subtil electricidade.

Maria não deu pela perturbação dêle. Mas, reparando no seu quási alheamento:

—Não se conhecem? Sua alma não se alegra pelo encontro?

Quando um caso idêntico me sucedeu em Nápoles, exultei!

Uma obra nossa é o que temos de mais querido, uma alma próxima, de família...

—O prazer que sinto, rumorejou Allori, provém de ver trabalhos meus na posse da mais extraordinária das criaturas...

Do ensejo que estes me dão de estar uns momentos a seu lado, Maria.

Há dias, que espero esta hora; e parece-me que dobaram anos sôbre a nossa primeira entrevista...

—Ah! tregeitou a Artista, num ar teatral.

Não sabia que lhe merecesse especiais atenções...

—Não sabia? repetiu êle. Pois não viu, desde a primeira hora do nosso encontro,

o meu interêsse, o enleio que me deu sua figura excelsa de Madona, admirável até ao inverosímil!

Ah, não foi por acaso, continuou o italiano, levemente tinto de calor das suas palavras, que a procurei; que a persegui. Foi para lhe dizer que a amo; e êste amor me pesa, me pune tão dolorosamente, que nunca mais, depois que abandonou o *Generalife*, voltei a pintar.

—Ah, interrompeu ela, não podia imaginar que também os mármores,—todo o *verdadeiro* Artista é um mármore—se davam à romântica *Comédia do Amor*,—a que tão desgraciosamente entretém a humanidade comum...

Vejo, pois, que a famosa seita dos *Arbitrários* nada tem de própria, de especial...

Se soubesse quanto desmerece, como Artista, em meu conceito de Artista...

E eu a considerá-lo, a vê-lo sempre sôbre o caleiro do *Generalife*, enamorado da graça humilde da flora húmida que cresce à música daquelas águas!

Brandamente agastada:

—Como supôs ver em mim a mulher vulgar, a *amorosa!*

—Maria, exclamou êle, será possível que um corpo e um espírito tão altos sejam uma casa deserta, sem amor!?

Não pode ser! disse, aproximando-se.

—Não insista, replicou Maria. O Amor é o *vermouth* da alma: diabòlicamente aromático; de resto—amargo e inútil.

Digo-lho pela repugnância que me faz, por instinto. Nunca entrou em meu coração.

Sou uma natureza em que todas as fraquezas se tornaram fôrças, fôrças de Arte, demonstrações da Sensibilidade: essa fraqueza jamais a encontrei em mim...

E, se quere que lhe diga, concluiu, não me faz piedade nos outros...

Rodolfo Allori, se não é um *condottiere* do Amor, especie de comediante, aliás belo, do *Scala*,—é uma alma que dalguma sorte se rompeu!

Há almas que derramam tão fàcilmente o sentido, como as taças estreitas os vinhos espirituosos...

O seu caso?

—Maria! O Amor é de razão humana e da razão divina.

Por êle; para êle, criou Deus o Mundo!

Em cada coração—um Enigma de Beleza, às vezes tardio em abrir...

Como pode o lírio heráldico, magestosa flor de Portugal, fugir às leis do Amor!

Mulher sem amor, Oceano sem maré!

Se toda a graça tem destino, o de Maria

não pode ser outro mais do que o de se deixar amar...

E que melhor destino!

O contrário poderia ser a paz do coração, mas onde maior loucura?

Seria fazer do coração o paúl do Desejo, meter na alma o deserto!

—Ah, contestou Maria, onde o Artista, fora do comum, que sacrifique com pureza ao génio universal!

Como se a Arte não devesse ser um Convento, de almas tão puras, tão *exactas* como as dos demais conventos...

Por isso as coisas não falam ao vulgo, se lhe não revelam!

Se são castas! Como privarem com o pecado?

Por toda a parte corações doentes!

Homens puros, só em suas camas de mármore, mortos!

—Por Deus... começou Rodolfo.

—Basta! disse Maria, levantando-se. Por Deus, digo eu, não desmereça a meus olhos tão desapiedadamente.

Veja êstes quadros; os acordes cromáticos daquela túlipa de luz, que evoca, neste salão, as naves vivas e frescas da Alhambra das florestas, do arvoredo! Se abandonar o mundo inferior, pecaminoso, do Amor, em que chafurda a humanidade

desde a traição—verá, nitido, o Paraíso terreal, que Deus revela aos puros; e só a êles! Não mais a Mentira, os ambientes frívolos!

Era tal a distância com que falava, que Rodolfo, um momento pávido, ficou junto dela como um manequim.

Quando começou a andar, seguiu-a.

—Antes que saia, disse, desejo mostrar-lhe o meu refeitório. É permanentemente pronto, e não exige cozinha... Entraram.

No ânimo tôrvo de Allori houve uma rarefacção. Chamou-o a si a surprêsa!

A mesa era coberta de fruta, dos pomos admiráveis da extremada terra de privilégio que é a Andaluzia, onde parecem tombar do céu.

—Que belos frutos, disse êle, como quem murmura... O riso daquela romã aberta! Os sagrados filhos das Árvores...

Olhando para a Artista:

—Não precisam doutras obras! E não há de a humanidade imitá-las!

—Ah, disse ela, sorrindo,—os frutos da mulher são doutra natureza; em geral, amargos, venenosos...

Depois, desviando-o até ao vestíbulo de saída, e apontando a figura próxima,—uma criança em vidro, roxo-e-oiro, da Boémia:

—Um caso de humanidade pura!

E estendeu-lhe a mão, que Rodolfo beijou, saindo.

* * *

Havia meses que os dois Artistas se encontravam, nos conhecidos monumentos--joias de Granada.

Mas, como Maria significasse a Rodolfo a necessidade de trabalhar só, de que a não perturbasse ou distraísse, êle cedeu, em parte, ao desejo dela, para não se tornar impertinente.

Entretanto, seu amor crescia, no sentido do maior alheamento de Maria, pelo que procurava vê-la, embora lhe não falasse.

Uma tarde, estava êle junto à Árvore Encantada, revendo a máscara da rainha, quando, repentinamente, viu, junto de si, a Artista, como se tivesse crescido do chão ou caído do Céu, tão leve fôra a sua chegada.

Estremeceu!

— A ver, a conversar, a minha Árvore? preguntou ela.

— É certo, respondeu Rodolfo. É uma Árvore de alarde!

A Natureza vegetal tem também seus alardes de Beleza ou de Tortura, como os teem os humanos. E não perdi o meu tempo; vou dar-lhe uma novidade: acabo de des-

fazer uma das muitas lendas que corriam àcerca dela...

—Como? disse Maria, supersticiosa.

—Corre, que jamais, nesta Laranjeira, uma ave teceu um ninho! Eis, acolá, um ninho!

E apontou para um ramo.

—Ah, exclamou ela, nem a lenda foge à mentira!

Se é ainda dos humanos! A Lenda, doce iluminura da História...

E qual a ave audaciosa?

—Vi levantar uma ave negra... varavam o ar seus pios de desespêro, como ferida da minha presença!

—É estranho, disse ela; em pleno inverno!

Uma ave que veio rever o ninho; recordar seus trabalhos da primavera...

—Seus amores, deve dizer, comentou êle.

Maria sentou-se junto de Rodolfo.

O sol havia quási desaparecido. Tarde enfermiça, abstracta na luz-topázio do arvoredo, meio vestido, ainda, de outono.

Chovera, dias antes, seguidamente.

As águas do Darro haviam crescido e alargado, sôbre a primeira orla da cidade, espraiando-se na Veiga.

No poente, manchas de flor dolorosa.

O céu nacarino dum brilho sensível, cetinoso.

— Tão tarde! disse Maria, enervada, colada ao banco de pedra; deve ser a hora de fechar o *Generalife*...

— Já fechou, oficialmente, informou Rodolfo; mas tenho ordem de permanecer o tempo que quiser...

— Desconheço-me hoje, confessou ela. Não compreendo esta natureza confusa... Prefiro o Darro das águas normais; das transparentes águas verdes, em que as horas adormecem; nestas, parece que o tempo se afoga, levando-nos o sentido...

— Ah, disse Rodolfo, começa a sofrer do tumulto da Natureza! O degêlo em sua alma...

Encarando-a:

— Em seus olhos, normalmente serenos, duma luz de sonho calmo, distingo agora um lume novo, como o da pupila misteriosa dos faróis, quando da ponta dos rochedos falam ao mar...

Maria parecia não ouvir.

Um momento, despregou o chapéu, descobrindo a cabeça formosíssima, em que os cabelos ondeados, habitualmente côr de ferrugem, tomavam, àquela luz, a expressão da terra movida.

Parecia-lhe ouvir, alternativamente, o

Darro, e os acordes cromáticos, depressivos, da tarde que desaparecia, levando consigo uma parte de sua brilhante audácia, o passado!

Sentia-se amolecida, perturbada; como traída pela Natureza, que, num instante, houvesse instilado em seu coração um veneno horrìvelmente sutil!

O italiano continuava a falar, sem que ela ouvisse mais do que a música dos seus dizeres.

— Maria, pediu êle, conduzindo as palavras na tremulina surda daquele comêço de Noite, tão singularmente orquestrada, — e aproximando-se mais, quási cobrindo, com o seu busto de mármore, a figurinha de porcelana da Artista, — por Deus, não despreze o meu amor, atenda-o; e seremos para sempre aliados em nossa Arte, em nossa Dor...

E, como se entre êles houvesse, se formasse, uma rede tenuíssima, mas forte, de fios, dum magnetismo invencível, fatal, — os lábios dêle procuraram os dela, colando-se-lhes.

Maria soltou um grito! Tão inesperado, tão sôbre-humano, que Rodolfo ficou petrificado, como ferido do mesmo beijo doloroso, sortílego, que a ambos houvesse vitimado!

Após o que ela se levantou, desaparecendo: uma pluma de fumo, insinuando-se, perdendo-se na neblina!

Os ciprestes do *Generalife*,—normalmente scismáticos brandões de negrura,—que, um momento, a escoltaram,—agitados pelo vento, inclinaram-se, parecendo falar--lhe...

* * *

Onze horas da noite.

Há um quarto de hora que Maria de Portugal escreve, no seu salão particular do Hotel.

A espaços, abstrai-se, olhando o lume, que ensanguenta, mancha o compartimento verde. Este é como um poente prisioneiro que, por sua vez, a atentasse, movendo, misterioso, as pálpebras imateriais de chama...

Nunca a Artista foi mais serena. Tal qual o desenho fugido dum álbum, que as ondas de côr do compartimento iluminassem...

Na pupila vermelha do fogão há estrêlas de sangue, que logo tombam como cravos mortos.

Maria terminou uma carta.

Vai fechá-la... Mas, de súbito, desdo-

bra-a; e, depois de ter percorrido com o olhar os quadros, em redor, como para verificar que são presentes e vão ouvi-la suas árvores, as figuras estranhas das suas telas,— prepara-se para ler.

No pano de lado, do Salão, a chama estremece a pintura de seus olhos côr de arroio, que parecem sair da tela, colando-se ao vidro.

Chamada pelo magoado olhar de tinta, Maria fixou o quadro, começando, em seguida, a ler alto:

Rodolfo:

Ainda uma vez, quero que atenda, ouça, a minha sombra. Não será mais junto à Árvore do Mal, que, para nós, foi a Laranjeira Encantada.

É êste o encontro de duas almas, pois lhe escrevo do limiar da Morte, em que vou purificar-me da imunda complacência com que, em segundos, neguei os votos de minha vida pura, troquei a alma, deixando-me beijar!

Ah, se soubesse o mal que fez! Até que ponto abateu a *mulher forte!*

Antes, quando habitava o meu mundo de neblinas, nada temia: sentia em meu ser de visão, um poder inaudito de deusa rítmica. Quem violaria o Sonho?...

Sou hoje a ruina, a carcaça dêsse poder!

Entretanto, ainda da antecâmara da Morte, quero dizer-lhe o que doutra sorte jamais de mim poderia ouvir; afinal, o que a Natureza pérfida dêste dia maldito, já lhe revelou, fazendo-se sua cúmplice, entregando-me...

Amo-o, amo-o, profundamente...

Venceu-me! Afinal, tinha razão. Em todos os corações há um germen de Amor. Ainda nos mais desgraçados. Mas um tal germen não deve seguir; não é justo que siga seu destino normal nos anormais — almas talhadas para as missões supremas! Na vida, há o convento dos puros, donde sáem os santos, imediatos a Deus — no arranjo, na criação do alto mundo isento da Beleza; e há a gente comum. Ah, como sobreviver, agora, ao desengano, à violação do meu sonho? A saudade, a saudade imensa do meu alvo pensar! O Orgulho

da Pureza, — onde o orgulho que o vença? Ao caminhar, a Natureza inteira me atendia, como se passasse uma Oração! Há momentos, quando do crime, na Árvore maldita ouvi gargalhar a sombra da rainha; e, como no drama de *Macbeth*, as outras árvores avançaram contra mim, tropeçaram comigo, amaldiçoando-me!

Não mais poderia encará-las.

Em que má hora permiti que me falasse!

Que inconsiderada fui!

Devia ter reparado em que qualquer coisa de perigoso tem sempre a figura humana, quando a desenha ou modela o génio helénico!

Como diminuiu, reduziu, a forte companheira de Parsifal!

Ah, mas não de todo venceu, pôde vencer-me!

Salvou-me o passado, minha religiosa obra anterior, inocente como o verde das árvores, o azul virgem dos granitos...

Pelo que sempre colherei, onde é de direito, o Graal precioso, que a perfidia branca de seu génio de Estatuária me não

deixou encontrar no caminho que eu levava...

Vou colhê-lo na Morte!

Donde me volto, pela última vez, para lhe dizer que lhe perdôo! Deus, perdôe a todos os que, inconsideradamente, alguma vez, cometeram o crime de desviar da sua estrada um Artista!

E mais: — para lhe repetir que morro, amando-o, mas pedindo-lhe para que, se, após o meu desaparecimento, quiser guardar lembrança do que fui, remonte essa lembrança ao tempo primeiro em que nos conhecemos: jamais ao dia maldito do nosso derradeiro, fatal encontro.

Maria de Portugal.

Quando a Artista saiu, depois de haver tomado várias disposições, escrito outras cartas, Granada era um Atlântico de névoas. Ela caminhava, por entre os plátanos, vestida de verde, sua côr de sempre, insinuando-se por entre as árvores, como uma árvore que marchasse!

Parecia caminhar mais elas, suas irmãs

de Alma, quási de Natureza, por entre sonhos—os sonhos que ficavam da sua vida de Louca imaculada...

Sua figura hirta guardava o alvor, a pulcritude misteriosa dos génios sagrados. Uma Alvorada que se perdera...

Soltara os cabelos, espalhando sôbre o corpo um manto de raízes.

No caminho, encontrou dois ciganos que, supersticiosamente, aventaram que era a sombra da rainha, ficando a vê-la descer.

A aragem era de finíssimas pontas de aço.

No céu, ciclópico, por entre as árvores mal rasgando a neblina, a lua espreitava...

Céu e terra, aproveitando o silêncio da hora, pareciam comunicar. Por toda a parte, farrapos de névoa, massas brancas, fumaradas...

Tôrres, quadrelas, eram como palácios aéreos, suspensos, voados nos castelos alvos, imateriais, das nuvens. Aqui e além, massas mais fechadas, intensas, davam a ilusão de sarças brancas, em que vivessem, emboscados, monstros quiméricos!

—A vida que há, que deve haver, para lá dêste mundo! pensava a *Louca*, descendo, como turbilhonada, até ao Darro, que regougava um ofício surdo—espécie de *De profundis*.

Maria esteve a ouvir, como quem escuta, já do Outro Mundo, a encomendação.

Em seus olhos — vida distante, insondável; na bôca, antes ferida, violada, pelo beijo amargo de Rodolfo — a flor crepuscular da sua humana árvore de Beleza, — agora cravo trágico de Riso, da Loucura...

Ao fixar a água, seu corpo oscilou. Até que, leve, a um repelão do vento, tombou, sôbre o dorso polido do Darro, como uma árvore religiosa, a doce *Irmã das Árvores!*

Na água, seu corpo brando, um momento onda verde, no sinistro ribeiro de baba amarela, não fez mais sonido do que a música misteriosa dos fechos dum missal, cerrando-o...

Em segundos, a cobriu, a arrebatou, a corrente.

A lua, antes velada, surgiu, espalhando, sôbre a Veiga, sua luz de caveira; e recolheu.

A

EDUARDO SCHWALBACH LUCCI

IV

UMA FAMÍLIA DE IBSEN

Em minha canseira, bem árdua, de artista, não há desgraçado, por mais abjecto, que não tenha tratado.

É que tem para mim mago encanto a especial música das lágrimas...

ALI, na volta da estrada, há um prédio mínimo, que, horas tardas, ao calar da aldeia, quando da ronda das sombras, simula o pórtico do extravagante sistema de ruinas que lhe é pegado, e tem um ar de desafio sôbre a abismática descida!

É um pórtico misterioso a casita breve, espécie de presépio, toldado de verde, daquele verde intenso das ramarias dêstes sítios, capaz de ourar o mais grave pintor ascético, qualquer místico da tinta que, por milagre, descesse a estas gargantas.

Contudo, parece composta por um grande artista esta ruína,—tal o aspecto monu-

mental do seu alçado; o geito ousado da sua grimpa em despenho; seu interior de sombras mortas; a expressão das velhas janelas, que lembram olhos arrombados, cuja vista alaga o vale; e, tomando os interstícios, da raiz do pardieiro, à cumiada, abarcando-o, coroando-o, uma trança de hera, lavrando sôbre as pedras roidas, côr de saragoça, o bronze verde-luzente dos seus festões gloriosos...

— Quem habita aí?

Dionyso? O génio de Rodin, o incondicional amigo dos templos desamparados, a quem as pedras revelaram a vida que só aos artistas as cousas dizem?!

Conjunta um pórtico de glória a bela ruína, ou uma furna de reptis?

Nada mais do que um monumento de miséria, — da miséria da gente de acaso que aí vive, tão extravagante, tão rara que jamais a encontramos ainda nos livros de maior imaginação, excepção aberta a Ibsen, o familiar dos fantasmas.

Donde vem esta gente; quem é? A que título está de posse do pardieiro? Sua vida?

Eis o seu mistério, um mistério surro, como tudo o que pega à sua existência.

O chefe de família é um marinheiro, que de si pouco poderá informar. Sabe, ùnicamente, que bebe e trabalha.

Geralmente, calado.

Trabalha, parece, principalmente para beber...

A sua máscara tem, quando quieto, a côr breada dos barcos em sêco; quando na ceifa, lavado de suor pela lufa dos trabalhos, escravo dos remos, da sirga, das fortes batalhas da água, sôbre a estrada rolante e abismática do Douro — a côr oleada dos barcos sôbre as águas. Na alma, o culto infernal do vinho que conduz, e que, por sua vez, o transporta, dá calor, asas à sua miséria.

A mulher é um ser mais curioso.

Como êle, filha de alcoólicos, neta de alcoólicos, alcoólica...

Foi bela uma estação. Primavera que o vinho apodreceu, até fazer dela um trapo!

Ainda não tem cincoenta anos. È a figura central da família: dominativa.

Diabòlicamente obstinada em sua crápula!

Com igual naturalidade, ela ri, dança, grita, faz crimes, reza e pede!

Se o homem a interpela, ou, batido por seus impropérios, a espanca, enfrenta-o, cheia de raiva, increpando-o, em sua linguagem cuspida:

— Malandro, algoz! Tu atreves-te a pôr-me as mãos!

Em mim, que te dou os filhos...

E êste argumento dealba, por entre o nevoeiro da embriaguês dos dois, uma qualquer acalmia.

Espantosa, a prole dêste casal de regeitados, criação de pocilga, vivendo seu entremez doloroso, sua vida inferior, entre trapos.

Nunca tiveram nome? Ou gastaram-no, romperam-no, como tudo o que lhes foi de uso?

Deve constar dos assentos do baptismo e casamento. Mas são conhecidos, tratados pela alcunha de *Bichos*.

Alcunha que lhes vem de longe, que já usavam os passados, imemorial na família dos dois,—são primos—e que anda aposto à fatalidade que lhes vem dos seus, dos que representam, de quem não são mais do que os fantasmas!

A mãe dela era guarda, numa passagem da Linha.

Em cada ano, uma chuva de castigos. Um dia, foram encontrá-la, meio-adormecida, nos carris, à espera do comboio.

—Resolvera matar-se, informava, em serviço, para mostrar seu zêlo no ofício até à morte!

Para o que, rematava, bebera o juizo...

O pai dêle morreu em África, em pena maior, por crime a que o instigara o vinho.

A *Bicha* é também, geralmente, indicada por sua tenebrosa qualidade de louca.

— A *Doida* lá está a clamar. A *Doida* apareceu esta manhã estendida, à bôca da ponte....

Assim dela falam, a inculcam, os do povo — misteriosamente atraídos para os seus passos de dor.

Os mais desgraçados dum lugar são para os do povo os heróis de sua necessária novela. Compõem suas distracções, quadros de inédito, sem os quais o homem, animal curioso até à impiedade, não saberia viver, não gostaria de viver.

A *Bicha* é, no género, uma figura notável.

Quando ela, pela estrada, caminha, a passos lentos, mal coberta dos farrapos que lhe põem janelas no corpo trigueiro a que ela chama, em sua negra exactidão — o cadáver; vulto esmurrado de duvidosa estatuária, cabeça alta, arrastando a manta encardida, que lhe pende dos ombros, abstracta, com a *pose* maravilhosa duma grande figura de palco, sob o scenário, ainda fantasmal, dêste formidável *atelier* de Côr, — instinctivamente, todos correm a

vê-la, a segui-la, como quem persegue um grave enigma!

—A *Doida*, a *Doida!* avisam os que saem a fazer-lhe cauda: o rapazio, os curiosos.

Ela passa, solene! *Maquette* preciosa das grandes trágicas!

Maior que todas as trágicas!

Se é um original da Miséria, de antes de Shakespeare, de todos os grandes autores, o espectro duma família de espectros, que o Tempo exumou!

Sombra notável!

È vê-la, ao recolher, pela tarde, mais os filhos, que a seguem, como uma reticência viva, palpitante, dà sua dolorosa figura hirta!

Madrugada. A casa abrumada pela humidade alvacenta do rio. Dentro, gente aos montões, formando como um dormitório, um breve cemitério, em que as camas-campas resfolgassem!

Ela e os filhos, somando, às noites, sua vida de lixo: enxurro que dorme!

Por entre os buracos do telhado e rasgões da parede,—frouxos de luz, que, a espaços, tocam de azul os fantásticos relevos; embora persista o grave desenho: como se um diabólico pintor houvesse ali entor-

nado chapas de tinta negra, para dar o fundo da tragédia contínua da casa.

Em volta, o crescimento, a luz!

Na primavera, árvores esqueléticas, poalhadas de verde: em cada ramo um enxame de folhas breves; gomos em que estremece um enigma de abundância, de Beleza.

Nas estações graves,—o Tempo em movimento, revolvendo, permeando a Terra!

E aqueles miseráveis? Seu mistério sujo?

Ilustrações necessárias à vida; ou o seu descrédito, sua falsificação?

No estio, os mais novos andam nus, enquanto os mais velhos usam o menor vestuário.

Pelo que seus corpos são páginas sempre abertas, franqueadas à curiosidade. Páginas tremendas!

—E a Caridade?

—A Caridade! Onde a que vença a fôrça de tão obstinada miséria?

Ah, ela pode cobrir mil vezes êstes nus, logo voltarão ao nu; em breve, passarão, rentes a quem os vestiu, tais quais a Natureza os cria — como estátuas vivas dum singular museu de fantasmas!

Em sua carne, tisnada pela Dor, a herança.

De sua abismal experiência, conclui a *Doida*, para si:

— Bebe, bebe e rouba!...

Vende a roupa, tudo o que lhe dão, ou furta, despindo os próprios filhos, para beber...

Contudo, nada mais rítmico com a sua vida do que a vida dos que lhe são próximos...

Se formam um cacho de miséria igual! Nichos de espectros, todos êles!

Sempre, ao passar o barco em que trabalha o *Bicho*,— a orgia, a guerra em casa, que não cansa, que é de hoje, e firma, continua, uma história de séculos.

Pela noite, ou alta madrugada, é a sangria das pipas. Com uma táctica, um saber especiais...

Trabalho, comummente, precedido, seguido dos mesmos sobressaltos.

Primeiro — o espiar dos barcos!

Em cada outeiro, um montão de gente ávida, espalhando o olhar pela água, ou adelgaçando-o, rio acima, até encontrar os da almejada companha.

Depois, o correr, quási voar ao areal; o alvorôço dos que, num momento, parecem entornar das máscaras risos empoçados, que lhes saem sujos, limosos, lá de dentro...

Até que bate a hora do roubo e partilha do vinho, que teem suas leis, as do costume das povoações ribeirinhas.

Noite morta, atravessam o Douro os remadores, tirando da água o menor choque, como quem desfere uma lira, surdamente,—com destino ao barco, antes cuidadosamente amarrado na margem fronteira.

Segue o serviço da criminosa tanoaria, cujo sonido os ecos do vale acusam, repetem.

Depois que termina, todos volvem a casa, a arrecadar os roubos.

Na cova onde vivem os *Bichos*, há nevoeiros de palavras, frouxos de alegria.

Sussurro que vai crescendo, como quando da chuva miúda, o tempo aumenta, até raivar, transformar-se em vendaval.

Então os *Bichos* desdobram do íntimo sua alma diabólica, formidável!

É o cascalhar dos risos, que lembram os gorgolões do rio nas águas altas, sôbre a penedia abafada; são as suas lamentações, ilustrando-se da lembrança, erguendo-se, crescendo da balbúrdia, como uma litânia do vento; são as imprecações da mulher contra o marinheiro e os filhos, em que a sua inteligência, apurada pela angústia, realiza a eloqüência mais pitoresca e tétrica, seu poema de Patético!

Figura suprema, ela é como um marco fontenário, caudaloso da mais extravagante miséria, donde discorrem falas duma farça jamais escrita, a sua farça, em cuja mágica urdidura, estremece a memória dos mortos, de seus antepassados de Dor!

E, assim, hora a hora, até que o pensamento lhe emperra; sua figura oscila.

Entretanto, bebe, bebe mais, bebe sempre, como a ver se recobra a nitidez da sua lógica penetrante de doida lúcida!

O entendimento cada vez mais brumoso.

Parece-lhe governar, dolorosamente, sôbre os ombros, à laia de cabeça, um penedo...

Mal discorre, mas ainda impreca, ainda clama, ainda bebe; enquanto as palavras lhe brotam da máscara absurda, esfarrapadas, espremidas...

Puxa os cabelos, por desanuviar-se; e tateia os olhos com suas mãos esqueléticas como galhos de árvores, por desfazer a neblina que a cerra até ao íntimo, a cega, parece que vai envolver-lhe, parar-lhe todos os sentidos.

Treme: tremor de árvore que o vento fustiga!

Em sua figura e génio passivo das coisas. Como ferida das suas objurgatórias, chora; e faz esfôrço para chorar mais;

mas ainda as lágrimas se lhe negam: esgana-a a própria dôr!

Fixa-se, como se espetasse os pés no sobrado. Leva devagar as mãos aos cabelos, pegados, brancos do pó dos caminhos. Os olhos salientes das órbitas vermelhas, na carne viva e aberta pelo sol,—como botões surros do caseado duma farda...

Quási não vê, não sente. Estende, ainda, os braços para a sombra, a tatear... Até que a turbação a envolve inteiramente, e num momento a reduz, a tomba!

. .

Uma noite, o *Bicho* beirou, hesitante, a casa.

Apareceu à porta a mulher, que, sentindo o estalar das folhas em que êle se deitara,—mãos sôbre os olhos em baldaquino, desceu a escaleira e começou a procurá-lo, dentre as sombras.

—Estás aí? preguntou ela.

Cascalhando:

—Que tal tu vens; nem atinas com a porta!

Depois, baixinho, aproximando-se-lhe, e dando à voz o tom veludoso do seu habitual gemer de pedir:

—Trouxeste o barril? Sinto, cá dentro, um forno...

Cortou a treva um estalido de escadraçar de árvore. E, logo, um regougo, que se foi abrindo, abrindo, até romper-se numa chuva de impropérios.

Fôra o *Bicho* que esbofeteara a *Doida*.

—Oh excomungado! bradou ela, agredindo-o, por sua vez, e tropeçando nêle.

Em instantes, os dois formaram um novelo, que rolava, parecendo alvoroçar as sombras do pequeno quinteiro.

Á porta, iluminados pela fogueira, quedavam os pequenos, cortando-se, no fundo de fogo, nítidos, como as almas que, nos nichos dos portais, memoram, pintam, o purgatório.

—Carniceiro, grande bêbado! Ainda a morte te trabalhe como a água aos calhaus...

E repetiu, aos gritos, sua defesa, de sempre:

—Tu levantas as mãos contra mim, atrevido, que sou quem te dá os filhos!

— Queres mais, estou a vêr, resmungou êle. Olha que eu ainda estou pesado: ai de ti, se te descarrego nos lombos, minha bácora, a paixão que trago!

—Vinho, vinho negro, é que tu trazes, replicou ela! Vens como uma dorna; mas não te lembraste dos da casa... A casa é o hospital!

Anda a gente, desterrada, por esse mun-

do de Cristo, molhada até aos ossos, sem uma linha enxuta, para ajuntar um saco de côdeas, das que os cães enjeitam; e esta praga ainda a fazer bulha!

— Tu calas-te ou talho-te como no açougue se faz às reses!

— Tu mandas-me calar: juraste pôr-me o sangue a tormentos...

— Eu já to digo, eu já to digo! volveu-lhe êle, levantando-se.

E lançou-se à mulher, procurando-lhe o pescoço, que ela sumia entre os farrapos. Até que lhe pôde fixar a cabeça, esmurrando-lhe a bôca, de que pingavam palavras, sangue.

— O que eu aturo, o que eu aturo, rugiu êle.

É o arrais, que me impõe como quem enxota um cão; ainda não achei homem que deitasse a mão ao chapéu quando eu salvo! Pior do que um cigano! Se abranjo uma espiga de milho, cadeia! E vem a gente para casa ouvir zunzuns dum estafermo dêstes!

—Estafermo? berrou ela.

Voltando-se para o rio:

— Ainda aquele te leve, te engula, de uma vez para sempre! Que também se ainda não fez é porque até a água te entejou!

— Ainda queres mais! volveu êle, mo-

vendo no ar os braços, como quem os experimenta, e dirigindo-se à mulher.

—Vai-te, larga-me, carniceiro! imprecou ela.

E deixando-lhe nas mãos, crespas de sanha, um pedaço da saia, entrou a correr em casa.

Parecia voá-la seu extravagante delirio das horas temerosas...

Dois dos pequenos tombaram, como bonecos, ao tocá-los em sua correria.

Enquanto os outros a atentavam, abismados pelo terror da sua figura de possessa!

Ela fixou a candeia que crepitava, lançando no cubiculo a luz melancólica dos lividos painéis. Deitou para trás os cabelos. Estranha borboleta magnetizada do palor mortuário daquela chama de cripta!

Depois, abrindo os olhos, fixando-os longe:

—Ah, já sei, maldito, a maneira de acabar!

E, enfrentando a janela, soltou uma gargalhada áspera, arrepiante, que o vale ouviu, repetiu.

—Ah! ah! já sei.

Durante minutos, quedou acocorada, a um canto, donde saiu com uma tigela, em que azulava um fundo de petróleo.

— E agora, agora, berrou aos filhos, morrei com fome, que é melhor do que aturar verdugos! Eu vou matar-me; já não tenho medo do inferno... Do inferno vou eu!

E, entornou, rápida, a tigela, sôbre os cabelos imundos, pegados, chegando-lhes a candeia.

Em momentos, sua cabeça se alumiou do resplendor mágico das chamas, diadema a um tempo sinistro e espiritual, transmitindo, emprestando à sua figura de louca o esmaiado ardente que nimba a população abstracta da suave imaginária dos livros santos.

— Ai, ai! gritavam, em côro, os filhos, sem que da mínima inteligência pudessem colher mais do que duas letras, um monossílabo de desespêro perante a loucura heróica da mãe.

Até que entrou o pai. Estava a mísera a debater-se nas chamas. Entre a atracção diabólica da morte, e o instinto, batalhava, — a bôca cheia de palavras que lhe saíam aos empuxões — fazendo por apagar, sob a acção dos tormentos, o penacho fantástico de lume, que tão sinistramente a iluminava.

— Ah negregada! Até que enfim, até que enfim, acertaste, comentou o *Bicho*, encarando-a, e alumiando-se à cabeça dela, cuja

chama lhe esbatia, na face negra, o riso diabólico.

—Com seiscentos mil diabos! Outro fôra eu que te deixasse queimar, até arderes toda, para aí, como um molho de frança, e ficasse a esfregar as mãos, e a aquecer-me à fogueira...

E foi, sereno, buscar a um canto o caneco, meio de água, que despejou sôbre a mulher...

Dias depois, já ela cortava a estrada, manta a rôjo, lenta... A cabeça—uma pústula.

Teem uma história breve, mas intensa, os filhos do extravagante casal.

Vivos, nove. Quatro mortos. Cada um, seu drama. Com os *Bichos*, vivem os mais novos: os *sapelhos*, lhes chamam, comummente, os pais. Formam uma escala: gama notável de dor. Em suas máscaras—pinceladas de riso, como para os tornar mais trágicos, iluminando, a furto, seus corpos miseráveis, que concertam abstractas capelinhas de ossos. Quási sempre em marcha.

Move-os a fome. A Fome—fôrça extraordinária, que leva o homem a domar o vento, a sujeitar o mar, e põe em acção, em

luta, aquelas figurinhas de cêra, nómadas de presépio, que mal desfrutam uns frouxos de razão, e vencem todos os trabalhos; andam dia e noite léguas, a pedir, a roubar, a viver...

Onde o estranho que vença o espectáculo das suas vidas brutais de pequenos cerdos com fala, e de que surdem, a espaços, o inesperado, o inaudito?

E tantos fúteis a blasonar de grandes, brilhantes da constelação fácil das medalhas que lhes borda nas fardas a vaidade!

Enquanto os pequenos heróis rompem o corpo, batalhando, vencendo, arriscando-se nas estradas! Figuras extremas de regresso, que, num momento, passam séculos!

Em seus corpos, geitos estranhos.

Membros inferiores curtos e recurvos, fortes à custa das marchas; os pés largos; ventres proeminentes.

Contudo, suas faces macilentas, moldu-radas dos cabelos pálidos, desbotados pelo sol,—ganham, em valor místico, pela graça distante que as esbate, e é a mesma que banha a fronte dos ascetas, dos mártires.

Em seus olhos a luz chora, dando-lhes à fisionomia de velhinhos a tinta das figuras longamente trabalhadas. Domina-os, manda-os o instinto, apurando suas fôrças...

Que sôbre a semente degenerescida plana

a sombra divina! Não há gente regeitada: tudo o que vive é de Deus! Como poderia Êle desamparar os miseráveis natos?

Aparentemente, parecidos: o mesmo tipo em diversos tamanhos. Íntimamente, diferentes. A Natureza só repete a aparência. Ama e realiza comummente o inédito.

Nuns — a pesada fortuna da tristeza: sempre a chorar, a gemer, como pequenos forçados que ouvissem a cada passo a música dolorosa das suas cadeias; noutros — o riso dos que nascem gastos, com o misterioso saber profundo do génio grave das tempestades.

O Sangue, a Herança, a Vida, ordenando, resolvendo, realizando...

O que nos normais é sonho, é nêles pesadelo: a herança que os impulsiona move e enche seus corpinhos pálidos, duma escultura aleijada, mas firme, adrede criada para trabalhos temíveis!

Há peitos em que bramem maiores tempestades do que as que rebentam do imo da terra ou dos altos insondáveis. Desta natureza — o íntimo da *Bicha*, em cujo vinho nada o sentido imprevisto dum génio tremendo! Os filhos são farrapos do seu seio, da sua humanidade, tocada, dolorida de fôrças recuadas, — misteriosamente criadas, misteriosamente reveladas...

Quem dirá ao vê-los, quando, cansados, se sentam na primeira pedra, à margem das estradas, sensuais do sol, franqueando os corpos nus ao sol, como as flôres, quási apagando-se, diluindo-se na natureza, — como é valoroso o seu génio, quando a fome os arma para a emprêsa-do-viver; pronto e esperto seu ânimo; como sabem ousar!

E a *Bicha* orgulhosa, como uma ave real dos grandes espaços, atentando os aguiões meio-podres, batendo no ventre mole:

—Todos me saíram das entranhas! Êstes e os outros!

Ainda tenho mais cá dentro: uns vivos, outros mortos!

Dez mulheres assim e o mundo não tinha cabo...

Os outros... Onde eram? Sabê-lo há? Mal se lembra! Sua memória é um mundo confuso, onde mal lavra o que passou...

Em sua linguagem aforística—ressurreições!

Pelo que seu íntimo é negro, repetindo o interior da furna que a abriga, donde estende, prodigiosa e inconsciente, os tentáculos da sua obstinação, de sua indústria mágica: a miséria!

Daí, sua história simples e fantástica. A história dos sêres à margem da vida, que comummente desdobra, repete; seu viver abrumado de espectro, em que gemem agonias longínquas....

Sua alma vibra perramente, penosamente. Pensamentos, sentidos contraditórios, tolhem-lhe as palavras. Então, gesticula, gesticula, até romper em lágrimas, que lhe sáem ainda raras da memória.

Onde o *Tratado das Sombras* que dê a génese das sombras que encadeiam sua ascendência, ou expliquem as figuras que lhe saíram do ventre?

Os filhos mais velhos são fora. Três morreram há muito. Os outros formam aquela colecção de sêres, com os geitos, o génio dos ratos; sempre sem pão, sem horas...

Os mortos.

O primeiro filho dos *Bichos* a tombar foi o que na casa era denominado: o *Andejo*. Companheiro inseparável da Luz!

Saía às primeiras alvações do dia, e entrava no casebre com a noite.

Figurinha de aço. O rosto—um esbôço de feições. Nos olhos—carvões brilhantes.

Invariàvelmente ao tempo: ao sol, à chuva...

Se falava, era como uma fonte de sombra... Eram-lhe emanação negra as palavras, repetindo, extravasando seu património íntimo de escureza. Pobre arbusto esfrançado, estrompado pela ventania!

A morte surpreendeu-o, na serra, num dia rigoroso de nevada.

Fácil de imaginar seu trânsito!

Um momento, foi cativo do céu, que sôbre êle choveu, branco e implacável, nuvens de lã fria, que, pouco e pouco, o foram acometendo até envolvê-lo, trespassá-lo.

Em breve, seus movimentos se tornaram perros, sua figurinha meã, de velhinho, oscilou, ao mesmo tempo que seus olhos, em que a luz mal chorava, se apagaram, ao sôpro da tormenta: gelou.

Enquanto o céu, intensificando a nevada, erguia na serra seus inseguros monumentos de avalanche, figuras fantásticas de flácida estatuária.

O *Andejo* acamou, ao acaso, numa depressão do monte, como um fruto cristalizado.

Em volta, a mancha consistente da nevada, a brancura lumiosa da serra, espécie de lírio de mármore, dum fantástico relêvo, e, sob a luz de aço, o silêncio, a natureza abstracta, cativa do lívido turbilhão!

Sôbre o *Andejo*, o fino oceano de linho — uma vaga da invernia, guardando-o, cobrindo-o como uma alva...

Dias depois, era ainda inteiro, perfeito, sob os gelos plumosos.

Exumou-o o sol!

O segundo filho dos *Bichos* a desaparecer foi o *Aleijado*.

O *Aleijadinho*, lhe chamava a *Bicha*, carinhosamente. Enquanto os do povo o designavam pela alcunha de *Ministro*. È que, em sua ironia, de igual sorte fina e brava, os campónios imaginavam, assim, do seu talhe, tortos e miseráveis, os improvisados homens de estado que os governavam...

De facto, um ser bem dolorosamente extravagante — o pobre *Ministro!* Sentado, lembrava uma rã, de pé um orango-tango. Quási sempre apoiado, encaracolado num pau. Animava-lhe a face, betuminosa, um riso de pálida madrugada. Nos olhos, a tinta verde das árvores...

Nos períodos moles das grandes côrtes, daria uma figura de bobo extraordinária, inestimável. Só o seu aparecimento causava riso, tal o geito imprevisto, paradoxal, da sua miséria. Caminhava a custo, aos empuxões; o corpo fortemente flectido; a face es-

tigmatizada para a terra — como um arco abatido que marchasse, se deslocasse, maravilhosamente...

Nos membros perros, um arremêdo de andar.

Era desprezado pelo pai, de quem se dizia que o atentava como um dos seus crimes, pois fôra êle quem lhe dera aquele feitio de caracol, o aleijara, ao bater-lhe brutalmente. Pelo contrário, a mãe tratava-o com excepcionais carinhos.

— É a minha bôlsa, quem me apaga a sêde! exclamava.

Efectivamente, a *Bicha* era certa em todas as feiras próximas, com êle. Levava-o à cabeça, numa canastra. E, aos que pelo caminho lhe preguntavam pelo negócio que a determinava, respondia, invariàvelmente, erguendo os olhos para o cêsto:

— Vou colhêr as esmolas do *Aleijadinho*, o meu santo.

E, falando para o alto:

— Vais bem?

De dentro da canastra, respondia o *Ministro*, numa voz trovejada, que transia os caminheiros, comovendo-os, espremendo-lhes da bôlsa as primeiras moedas.

Em breve, na feira, êle era o centro de uma rosa de curiosos, explorando, indiferente, a farça da sua presença de fruste.

Perto, velando, a mãe, com o ar empertigado de sonâmbula rainha dramática!

O *Ministro* completou, no entrudo do ano em que desapareceu, quinze invernos.

Morreu em plena festa:—noite de orgia. A noite de sempre, imediata à chegada do barco. Na casa, a família cheia de vinho; a escuridão cheia de gritos!

Tombou, naturalmente, para um canto, como uma coisa que se desequilibra. E, para ali ficou, abandonado, figurando uma concertina rôta, amarfanhada, em que, de vez, a voz calasse...

—Deixai-o dormir, deixai-o dormir! bramiu a mãe, agitando sôbre o podre cacho de gente, convulsa do vinho, a mão que lhe rematava o braço longo e nojoso, e em que parecia tremular uma bandeira negra.

Contudo, alguma vez a sorte aliviou a escureza do casebre, fazendo aí raiar a luz.

Um dia, surgiu, ali, um ser tão estranho, duma graça tão inesperada, que a própria *Doida* ao revê-lo, pelos anos fora, sentia, dizia, tremer seu pobre juízo!

Era a filha, uma criança que Deus lhe dera, fina como um *baccarat;* e a quem a mãe chamava, com reveladora propriedade, a *Imagem,* o seu *Marfim*...

— Ás vezes, explicava, fico tão areada, diante dela, que tenho mêdo de que os olhos abalem, me fujam...

E abraçava-a, a rir e a chorar...

A pequena chamava-se Aurora.

Aurora da Perdição, dir-se-ia, se Deus a não velasse...

Entre os carinhos e as misérias de todos, foi crescendo, alteando sua figurinha de cristal, em cuja máscara sombreavam, sôbre a carne de flor de magnólia morta, tenuidades de misteriosa manhã.

Os olhos verdes: — duas pedras vivas, em caseado de seda, reflectindo, brumosos, a melancolia enigmática dos lagos...

Vestia-a de leve uma espécie de mortalha amarfanhada.

Era, ainda, uma inquieta. Naquela casa, onde, desde muito, habitava uma vaga de lama, não podia a sorte desmentir no frágil lírio — pobre Aurora! — o sensacionismo constante da prolífica família de sombras!

É que também ela era um fantasma, embora, como um fantasma de murchos lírios, um fino lírio...

Só aparentemente desgarrava sua figurinha tão docemente luminosa de *Flor do Deserto* — da forte galeria selvagem.

Fundamentalmente, era a flor extrema

da árvore grave, admirável de inesperado, em seu geito ultra-grácil de única.

Onde a gente recusada?

Se os própios *Bichos*, cuja alcunha indicava, exacta, sua qualidade de ex-homens, haviam ainda em sua alma, em sua vida, esta alma, esta vida...

Contudo, na prisão veludosa da sua carne, Aurora guardava uma índole brava, embora brava à sua maneira, tocada de ansiados segrêdos! Pelo que sua scisma era dançar e cantar. Sobretudo, dançar.

—Leve-me, minha mãe, leve-me, dizia à *Bicha*, quando ela ia pedir, que eu danço!

E começava a bailar...

Depois, nas casas a que batiam, era certa a exibição da pequena dançarina, perante os que lhe davam esmola.

Enquanto a mãe a acompanhava, palmeando, ou rindo; influindo, trágica, o pequeno ser, a momentos quási só névoa, movimento...

Insensìvelmente, todos a amavam, a estimavam, subsidiando seu geito de flor silvestre, tão estranhamente batida do seu génio de ave.

Recluída no tugúrio negro, era, por entre a lama humana dos do seu sangue,—uma visão abstracta, em que lumiava um arrebol de alva.

Ao assomar à entrada de casa, seu corpo cortava-se, angélico, na bôca da porta cariada, como aparição que surgisse a espancar, do fantástico ninho podre, as sombras cansadas, espavoridas, do interior.

Jamais o génio da miséria realizara criatura assim! Tão bela, que até a casa, negregada fábrica de sortilégios, parecia sorrir, aliviar seu luto, quando ela surgia.

—Meu amor, meu amor, gritava a *Doida*. Assim também eu fui! Mas de que vale ser linda, se agachamos a morte cá dentro?

Cavilando:

—E o pior não é morrer; é andar, como eu ando, trabalhada do génio; ora, ao sol, até estalar como o grão na eira, ora à água, ensopada, sem uma linha enxuta, a correr fado por essas portas...

Cascalhando risos de água em reprêsa:
—Se pior do que morrer, não é andar às marés...

Para o que Deus nos deitou ao mundo!

E esguedelhava-se; batia no peito; acabando, tràgicamente, suas queixas, numa reticência de gemidos.

—A pé, a pé! gritou, certa madrugada, para os pequenos, que já há luz; bonda de dormir...

Vamos, que é preciso esgadanhar a vida! Os pobres são como as galinhas...

Alteando a voz:

—Hoje chega o barco. Um barco é uma aldeia... Logo, há festa, mas precisamos de ter côdeas, o conduto para algum naco de presigo, que se merque, se vós trouxerdes com que...

Todos se levantaram.

—De-pressa!

—Vós, disse, dirigindo-se aos pequenos, ide marinhar para Paços!

Eu vou, com esta, e apontou para a filha, para a serra!

Em momentos, os dois grupos se separaram.

Uma hora depois, estava a *Bicha* em Gozende, a aldrabar à porta fronha da *Casa Grande*, no centro do lugar.

Veio um pequeno abrir.

—Bem hajas, meu serafim, agradeceu a *Doida*.

E, com as mãos cruzadas, sôbre o peito, passo meúdo, manta a rastos, solene,—entrou no quinteiro, com o ar distante, melodramático, de aparição, começando a cantar.

Na voz, sua velha loa, de negra tremulina, espécie de cambraia rôta de gemidos...

De dentro, correu gente à varanda; emquanto os vizinhos chegavam.

—La-ri-lò-lè, la-ri-lò-lè-la!
Aleluia! Aleluia!
Ai, ai, ai! Quando os pobres pedem...
Ai, ai! As estrêlas teem fome!...
Aleluia! Aleluia!

Tão branco, da côr da lua,
O leite de minha mãe!
Sò eu, do peito negro, ai!
Entorno leite negro!...
Aleluia! Aleluia!

Ai, ai, ai! Quando os pobres pedem...
Ai, ai! As estrêlas teem fome!...

Súbito, volveu os olhos para a filha, que a atentava, como electrizada daquela loa nevoenta, composta às horas mortas das suas cavilações.

A pequena estremeceu, transparecendo uma sombra de dor.

A mãe encarou-a, sinistramente. Seus olhos, que acertavam no caseado roído das pálpebras, como dois botões ordiánrios num estôfo de marroquim vermelho, chisparam a luz distante das estrêlas afogadas; enquanto os de Aurora, irmãos dos rebentos que, ao redor, a miravam dos ga-

lhos túmidos das árvores, — um instante inquietos, —logo abrandaram, como imersos na música dolorosa...

E, quando ela, entoou, mais uma vez, o estribilho, a pequena dançarina começou, turbada, a voltear...

—*Ai, ai, ai!...* gritava a *Doida*, agora convulsa, possessa, como se a voz lhe rompesse o peito.

...Quando os pobres pedem...
Ai, ai! As estrêlas teem fome...
Aleluia! Aleluia!

Batida daqueles gritos, a pequena era agora como uma espécie de flor do Ar, figura branca de penas, que o vento estilizasse, tocasse...

De repente, sua divina fúria abrandou, na medida do gemer mais fundo da *Doida*.

Retomou, em breve, o ritmo antes perdido, redemoinhando, a princípio, certa, vagarosa; depois, com mais pressa, e mais, até afogar-se no movimento, vogando quási imaterial, mareada, como num funil de água, no mar alto.

A *Doida*, por sua vez, sugestionada, magnetizada, pela genial criação daquela subtil graça, começou também a dançar, agitando, no ar, os braços negros, que pareciam prolongar-lhe, voar-lhe dos ombros duas simbólicas serpentes!

Até que a pequena — sútil véu soprado em cálice, — desmanchou, rápida, sua forma de flor aérea, tombando no chão, morta.

Matara-a a própria voragem!

Um ligeiro tremer de pálpebras, e caiu como uma ave!

Formoso e travesso trânsito!

A mãe cantava:

... *As estrêlas teem fome!*

Enigmática e árida, como a estepe infinita — a alma da *Doida*.

A custo, havia dado uma flor, a filha, *Flor do Deserto*, que vivera uma alvorada: consoante passou rápida sua vida, assim ela passou, se apagou, na memória da que a gerara...

Esta era um ser errante, com o sentido transcendente de todos os génios desmarcados. Inútil — procurar em sua alma o sentimento regular dos comuns. Em cada hora, uma idea desconforme, diferente...

Daí seu falar distante e aforístico; sua figura extravagante, espécie de urna, dum labor peregrino e miserável, em que parecia conduzir uma scisma dolorosa; sua forma contraditória e imprevista de agir, fora das leis, da melhor razão natural.

Um dia, pela tardinha, aninhou-se à lareira, não consentindo que os filhos lhe falassem. Quieta, enroscada, como uma serpente que hibernasse! Se algum se lhe dirigia, levava o dedo curto aos lábios, fitando-o, severa, a impôr-lhe silêncio. Pelo que tudo era sombra, uma sombra inquieta, no arruinado abrigo.

De repente, levantou-se, e veio à porta, a sondar o espaço, movendo o nariz, no geito de farejar...

Espiava a noite, que parecia descer do céu côr de chumbo.

Ela voltou quási logo para o seu canto, quedando, como em côma.

Que mistério a absorveria, em sua modorra? Mistério sagrado, diabólico?...

De momento, sua preocupação era a noite, que, a breve trecho, entrou, intensificando o escuro do insólito casal.

No interior, nenhuma luz mais do que a dos olhos dos pequenos, inculcando suas figuras de animais mínimos, agora afogados nas sombras do casebre, como num lôdo de silêncios.

Fora, a treva azul, mal picada das pálidas estrêlas.

A *Doida* veio à porta, e esteve a mirar

o céu, como quem extrema o seu astro. Em seguida, lançou aos ombros a manta e correu para a taberna, a pequena distância.

—Olá! festejou um dos presentes; já só faltavas tu...

Designando os que se premiam para alcançar o balcão, onde o vinho floria nas canecas alvas:

—Todos estes rapazes te querem como à sua alegria!

Brandindo a medida, que tinha na mão, pingando vinho:

—Deixem passar a *Bicha;* quero tocar a sua caneca; beber à saúde dela!

A *Doida* rompeu pela viela estreita, que se fez entre os presentes; e, tomando a medida, que lhe deu o taberneiro, bebeu, vagarosamente, olhos no ar. Depois vergou a cabeça, como quem medita.

—Então, não dizes nada? preguntou o outro.

—Está a aboborar, comentou um. Assim é que o vinho sabe...

—Fala, desarrolha para aí o mau génio, que na taberna não há etiquetas!

—Deixai-me passar, disse ela, estendendo os braços; e dai-me lugar no banco.

—Pois já se vê, riu um dos sentados, que temos de nos levantar, para que fiques a gôsto...

—Então? berrou ela; se sou mulher! E a mulher do lugar que tem dado ao reino mais filhos...

—Ao reino? preguntou um. À república...

—República! Eu digo como sempre me ensinaram...

—Olha que vais presa, replicou o primeiro.

—Eu, presa? gritou ela. Porquê? Não se prende uma mulher, como quem prende uma galinha. Bondou uma vez...

—Tu já estiveste presa, preguntou o primeiro. Conta à gente...

—Foi quando entrei na casa do juiz de paz, começou ela, em voz sumida. Onde o diabo havia de levar-me...

Sacudindo os trapos:

—O diabo? Foi o caminho, foi o caminho que lá me levou...

Era negro, como a sombra duma dúzia de noites! E olhai que as sombras pegam-se à gente, agarram-se à gente, e obrigam-nos que não há mais desenvincilharmo-nos delas!

Nem o temor de Deus, nem o do rei nos vale!...

Que eu todos os dias rezo a Deus pelas minhas contas: quinze greiros de milho, quinze mistérios!

Não preciso levar à Igreja o meu rosário, que o pão é bento...

Encarando os circunstantes, a chorar:

—Pelas vossas obrigações, pagai-me um quartilho, que parece que trago cá dentro fogo, uma casa a arder; não vejo senão fogo...

—Pois sim, disse um dos do bando, mas não chores!

Para o taberneiro:

—Meio para a *Bicha*.

A *Doida* limpou as lágrimas, e começou a dançar, ganhando o balcão, em passo de batuque.

Comentários:

—Bom odre!

—Esta não volta ao dono pelo beber...

—Pipa antiga, grande vinho!

—Pois eu não estudo para freira, esclareceu ela, voltando-se.

Rindo:

—Também, quem me havia de querer no convento?

Se nem na cadeia eu me dilatei!...

Que, olhai, assim Deus me acuda, nunca me senti tão pesada, como lá; davam-me aflições de roer as pedras: mais presa que a água dos tanques, que sempre vê o céu!

De contínuo, a batalhar comigo, como se trouxesse o rio cá por dentro a trabalhar-me! Mais gasta do que a *Pedra que chora*.

E para ali fechada! Dava-me a paixão em gritar; e tanto fiz, tanto gritei, que, ou o diabo me ouviu, ou as pedras se arredaram...

Uma noite, apareci em casa!

Berrei, ninguém me abria a porta; até que rebentei uma panela de cravos, contra a escaleira! Remédio santo! Veio abrir a minha Aurora, nua: mais linda do que a noite azul!

E a *Doida* caiu no sobrado a chorar...

—Erguei-a, erguei-a, mandavam alguns; enquanto outros a levantavam, como um fardo fôfo de farrapos, de que furavam gemidos.

Sùbitamente, inteiriçou-se, atentando o balcão, donde arrebatou uma tigela, meia de vinho; e, sem mais uma palavra, empurrando, brutal, os que lhe impediam a passagem, deixou, aos tropeções, a taberna, ganhando, em breve, a casa.

Dentro, a agitação branda dos farrapos, como voados no fétido daqueles montões de vidas,—flôres bárbaras, adrede forjadas às torrentes do sol, nos terraços da miséria inclemente.

—Dormi, dormi! momoù a *Doida*. Até que seis diabos vos levem por aí acima, nos levem a todos: cabeça, ao sopé; ao alto, as pernas esmoucadas...

E foi acocorar-se, no canto, onde antes estivera. Picava, a furto, o escuro, o morrão do candil.

Meia noite.

Em casa da *Bicha* todos dormem menos ela. Aplica o ouvido à bulha cadenciada do Douro.

—É o rio a lavrar as pedras, explica às sombras.

E, como quem responde a uma pregunta, curvando-se, repete:

—É o rio...

A luz do seu olhar torna-se mais funda. Abrindo a pele surra, estalada, num arremêdo de riso, para as suas figurações:

—A casa há de hoje arder...

Ah, se eu pudesse apegar-lhe o lume dos olhos, não era pecado; ninguém me podia tornar a culpa!

Em surdina, consigo:

—Mas que mais faz que o lume seja meu, ou da estrêla da candeia?

O que é preciso é que lavre, que lavre, até lamber tudo...

Erguendo a voz:

—Tudo...

Um dos filhos voltou-se, gemendo.

A *Doida* levantou-se, frenética. Pôs-lhe

sôbre o cabelo desbotado um farrapo, que levantou ao acaso; e segredou-lhe:

—Tu adormeces, ou esborracho-te!

O pequeno lançou de si o farrapo, olhando-a vagamente.

—Dorme, dorme, meu anho! disse ela, embalando-o. Dorme, que a gente a dormir pode muito: abrange o Inferno, tanto monta...

Apalpando-o:

—Tu tens calor!

O pequeno adormeceu.

Ela, falando consigo:

—Já ontem era falso o lume dos olhos dêle, coitadinho! Pobre *sapêlho*.

O vento soprou rijo, ululando sôbre a curva do rio.

A *Doida* pôs-se a escutar; abriu a janela.

No imenso claro-escuro, a casa era na sombra. Pegado—o pardeeiro onde nascera, agora um palheiro.

Vinha no vento a onda aromada dos laranjais. Em cada haste, uma abelha branca de perfume. Perfume que o vento erguia, agitava, sôbre o favo escuro, em ruinas, dos casais...

A *Doida* aspirou fundamente, como quem bebe o néctar frio duma vida distante, que vem de ao pé da morte...

—Que bom! disse, em volúpia.

Sempre rôta, esfomeada, fora de quási todas as leis; e, atendendo, conversando, a espaços, a natureza, como quem troca o sentido com seu sentido profundo!

—Chô-chô! dizia em surdina, correndo pelo casebre, a passos breves; e fazendo por enxotar vozes, farrapos de palavras, que se lhe afiguravam a voar.

—Chô-chô!...

Estacou, a ouvir; depois, a olhar, como quem enxerga, ao longe, uma sombra impertinente, imprevista. Espreitou pela janela.

Ao largo, a mancha do luar; em baixo, o rio; ao lado, a casa, quieta, fantástica, espécie de monstro adormecido...

Até que, sorrindo às sombras e atentando-as, com ar de entendimento, foi buscar, a um canto, uma pequena lata de petróleo e um farrapo; e, descendo a candeia, saiu, mensuradamente, pelo pequeno quinteiro, rente à parede, alcançando o palheiro.

Guardou tudo na loja, aninhando-se fora, a cogitar...

Ninguém!

Nada mais que o vento, à compita com a água, enchendo de suas vozes estrídulas o vale, nimbado de névoas.

—Agora, agora, disse ela, como se repetisse uma ordem, que o vento lhe houvesse trazido.

E, rápida, desceu à loja, metendo pela abertura da taipa, donde furavam canas sêcas, o farrapo antes ensopado no petróleo, a que chegou a cadeia.

A chama lavrou, vagarosa.

Em minutos, a *Bicha* era no seu cubículo, abafada na roupa, quieta.

Correu meia hora, e ela atenta a escutar, sem que ouvisse mais do que a voz do vento, e a voz da água, navegando misteriosamente no espaço.

O vento soprou o fogo, espalhando-o, ensangüentando a paisagem, antes negro-luarada.

Avisado pelo estalar dos vigamentos, e ruflar das chamas, assomou à janela o primeiro vizinho, que chamou os da casa e logo outros, juntando os do lugar.

Entretanto, o pardeeiro ardia...

Debalde os que chegaram lançaram mão dos canecos, encarreirando a levada: trabalho tardio, inútil! A casa era um poente vermelho. Algodoava, sinistramente, o espaço—o céu leve, de fumo.

Chegou a *Doida*.

Scenário infernal! Tudo um movimento: —a gente, a casa; o céu baixo, de fumo; a própria penedia e as árvores—tocando-se, espiritualizando-se do génio espectral das chamas!

A gente afrouxou na faina.

—Por inútil? Por ver a *Doida?*

A *Bicha*, que quási voou do pátio, ajoelhou, beijou o chão, benzeu-se, e desentalou do intimo uma gargalhada alta, estertorosa, como se rasgasse o ânimo numa fita de dor.

O vale repetiu, nítido, sua gargalhada estranha.

Ela, que, por segundos, encarou o abismo, levantou-se, vagarosa, braços abertos, olhos vazios, voltada à chama, que a transfigurava.

Não era mais a mesma criatura: a noite e o lume revelavam o sêr especial de sua fisionomia de espectro, apagando, vencendo, seu comum jeito sórdido.

Dir-se-ia que o riso, que, pouco antes, aflorara à sua máscara de cobre, crescera, até afogá-la numa cheia sinistra.

De tal sorte, a chama se dera à sua natureza de fantasma!

Começou, lenta, a dançar...

Fantasma de asas, côr da terra, crescendo na fumarada; borboleta atraída, magnetizada, pelo sensacionismo fatal do crime herdado, inconsciente!

Signo maldito e sagrado!

Em volta, como círios vivos, atentando, velando, os do povo.

Ainda o *Bicho* era um ser fora do comum.

O corpo torto, movendo-se às guinadas, cabeça descida, o olhar baixo.

Além da lenda de haver aleijado o filho, era certo que martirizava a mulher, e tinha assassinado um homem. Êste último acto não constituira delito bem apurado: não se chegou a averiguar se matara por crime, se por desastre.

Era temido, ainda pelos mais afoutos do lugar, entre os quais se contavam os filhos. Êstes viviam separados dos pais.

O mais velho era conhecido pela alcunha de *Faisca*. O imediato pela de *Meadas*, em razão dos enrêdos, quási sempre inocentes, da sua vida de miserável, pelas meadas constantes que arranjava no serviço, mercê do reduzido entendimento.

Comummente, andavam em briga os dois irmãos, sem que bem atinassem porquê.

Foi preciso separá-los no trabalho, pois não havia arrais que conseguisse deter seus impetos. O *Faisca* era de génio terrível. Enquanto o *Meadas* ouvia, calado, o irmão, como se nada percebesse do que dizia. Até que vinham às mãos. Ambos fortes, endurecidos pelo trabalho, tinham lutas tremendas!

Um dia, contava-se, brigaram a meio do rio, quando iam buscar um passageiro. Era pela cheia grande. De tal sorte se abraçaram, aos saltos; se moeram, que a barca voltou-se, lançando-os na corrente.

Tais eram os primeiros frutos dos *Bichos*, cuja casa os do lugar atentavam como uma caverna da loucura, onde, obscuramente, a Natureza concebia, criava...

O *Faisca* era assomado; o *Meadas*—inocente e torporoso, vibrando, perramente, às ordens que lhe davam, como a qualquer palavra ou sentido estranho; embora fôsse acaso mais terrivel do que o irmão, se o atacavam! O *Faisca* temia-o; ao mesmo tempo que o odiava.

Quando das suas horas de melancolia, em que parecia que a inteligência se lhe obstruia, quàsi perdendo a atenção, o pensar,—o *Faisca* bravejava, cuspindo sôbre êle os maïores impropérios, seguro de que não haveria, então, palavras que o demovessem, o sacudissem de seu torpôr.

Inteligência rudimentar, lutava, apenas, por instinto, animalmente, se fìsicamente o ofendiam.

O irmão reprimia, em geral, o ódio, até que o imaginasse em situação inferior. Facto que se dava, freqüentemente, quando os dois se embriagavam.

Tinha sôbre êles o vinho efeitos diversos. Enquanto o *Faisca* vencia pelo alcool sua cobardia natural, o *Meadas* amodorrava mais, perdendo todo o elastério, a tarda sensibilidade, que, normalmente, o levava a bater-se. Mais desenvolvido do que o irmão, porventura mais forte, o alcool tinha para si um valor excepcionalmente tóxico. Sofria de vertigens e convulsões; e, dia a dia, as palavras se lhe tornavam mais raras, inculcando-lhe as ideias descompostas, o vibrar perro, automático, do *demente-alcoólico*.

O *Faisca* era um porco humano: cerdoso como um javali. Nos olhos de bicho, inteligência reduzida, mas acêsa. Notàvelmente pronunciada—sua *mania aguda* da perseguição, sofrendo de alucinações.

—Sabia que o irmão lhe roubara uns sapatos, no barco.

Êle não andava no seu barco, não o tinha visto, mas ouvira, de noite, os seus passos, pressentira, vagamente, o seu vulto.

—Sabia que tinha relações íntimas com a amante dêle, *Faisca*.

Não precisava onde, não dizia quando; mas tinha a certeza que uma e outro o escarneciam, o enganavam, porque uma vez os vira juntos. Até, uma noite, quando êle descia para o quintal, os ouvira falar.

Sôbre a acção do vinho, estas alucina-

ções cresciam, explodindo em raivas frementes.

Ia, amiúde, esperá-lo, abrigando-se nas sombras das pedras, por onde supunha que passasse.

Depois, reconsiderava: assustava-o a presença, indiferente, do *Meadas*, que cruzava com êle sem pestanejar.

Tinha um filho da amante, que era ainda a herança, o fecho duma cadeia ininterrupta de alcoólicos. Mal conformado, tendo, a rematar o braço esquerdo, um esbôço de mão: em lugar dos dedos — bagos de carne frouxa.

Terminada a ceifa, quási todos os dias, a marinhagem do lugar se juntava na estrada, fronteira à taberna.

Curiosa de ver a fauna de enxurro, empurrando-se, abraçando-se, rindo, como esquecida do tempo, pelos relentos.

Então, todos os casos vinham à balha.

Eram os trabalhos do rio; as memórias; acontecimentos minimos; o desenho, em largo, das grandes alegrias, como das grandes tragédias, com centos de anos algumas.

Nada mais transcendente do que a vida dêstes simples, doentes do hábito, da herança, filhos do costume, esculturando-se

do costume, dos vicios dos passados que, dia a dia, acrescentavam dos seus vícios.

Em suas figuras de miseráveis—ao alto, nas frontes deprimidas, os estigmas.

Sôbre os ombros, à laia de cabeça, um globo de vida horrìvelmente luminosa de predestinação, de taras...

A espaços, avançavam nas sombras,—altercando, batendo-se, formando maré viva!

Até que a madrugada esfriava suas cóleras.

Uma noite, já o *Faisca* bebia havia mais duma hora, entrou, na taberna, o *Meadas*. Vinha sórdido, cruzando a porta a mêdo, olhando de lado os circunstantes; e tropeçando, a cada passo, parecendo equilibrar, a custo, a cabeça.

—Chegou o excomungado! bradou o irmão.

Bebendo um golo de vinho, e estalando com a língua:

—Não vens de fazê-la boa, grande traste! Amaldiçoado... A apostar que vens de ao pé dela...

Como resposta, o silêncio.

Todos ansiados, como quem atende o fluir da sombra...

Na aragem, que vinha da porta, a melodia triste dos montes...

A *Bicha* entrou sútil, como se a transportasse a harmonia gemente do vento.

—E não, e não... dizia ela, em surdina, abrindo os olhos, para as suas figurações.

—Não?... preguntou, por sua vez, um dos presentes, chamando-a à realidade.

—Ah, ah! disse ela, a rir, vi hoje a minha sombra na água! Como quando era rapariga...

A água é um espelho que não quebra, que passa para o côvo da mão; que pode até beber-se...

Foi o meu pecado!...

Bebi a sombra, bebi a minha sombra; fez-me mal!

Deram-me agonias como se, pela bôca, me tivesse entrado o diabo...

Afinal, cantei-lhe duas orações, e lá foi para as profundas...

Dando pelos filhos:

—Qual de vós me paga um quartilho?

O *Meadas* pareceu não dar por ela.

—Pago eu, respondeu o *Faísca*. Êsse asno não tem dinheiro: mal lhe chega para as festas com as mulheres dos outros.

O *Meadas* continuou em sua peculiar atitude de árvore scismática.

—Odre de veneno! avançou o *Faisca*, enervado pela passividade do irmão.

A *Doida* começou a voltear, enquanto os marinheiros, em roda, batiam as palmas.

—Vou cantar, disse ela.

Hei de estalar, como a cigarra, a cantar...

—Pouca bulha, que isto aqui não é chiqueiro! resmungou o dono da taberna.

A *Bicha*, reagindo à ordem, começou, dramática, uma das três loas da sua memória de trágica, cortando-a de assobios, que lembravam o bradar do vento, no vale.

O *Faisca* aproximou-se do irmão, que não tinha sequer dado por êle, abanando-o.

—Olha que eu, disse, encarando-o e rangendo os dentes, só hei de ter descanso, no Inferno, depois de te abrir, como quem abre um porco, para saber do teu coração a verdade!

E, lendo, na face do irmão, que o atentava friamente, uma provocação, deu-lhe, brutal, um murro.

Num momento, o *Meadas* levantou-se, cambaleante, lançando-se, com tal pêso, sôbre o adversário, que o derrubou.

No chão, travou-se luta brava, batendo-se os dois até confundirem-se.

Luta de animais selvagens, que ninguém se atrevia a dominar, a entravar.

O taberneiro, perdida a esperança de pôr ordem naquele fecho da noite, recorreu ao seu velho expediente de prático daquelas desordens: apagou a luz.

A grita recrudesceu.

Sôbre o arraial dos fantasmas em movimento, um nevoeiro de palavras.

Os bárbaros pugilistas, aos urros, brandiam um contra o outro os braços como barras; mordendo-se; rolando no sobrado; abalando a casa, no baque dos seus avanços rumorosos de vaga!

—Diabos, diabos! clamava a *Doida*, varando a escuridão com sua voz de metal, semelhante ao berro de certas aves.

O que eu trouxe no ventre! O que o traste dispôs na arca do meu corpo!

Ah, maldito!...

Antes me semeasses, nas entranhas, as jogas do rio...

Maus trabalhos te levem para as profundas dos Infernos, mais a êstes cães!

Eu casei com o *Diabo pardo*, que, em vez de homens, me deu cães...

—Lá para fora! Tudo lá para fora, mandava o taberneiro, dominando, a custo, o mar dos impropérios, sussurro soturno, como de madria que se arrombasse pela escuridão.

Não eram mais as criaturas de horas antes, mas sombras.

Sombras, em acto de orgia trágica, esfumando-se, alastrando, sob a luz ténue da noite.

Palavras em cinza, quási só sussurro; e palavras trovejadas, como passando pela nave dum céu brusco, tormentoso.

E os dois irmãos a baterem-se, desesperadamente, como se os presentes, entre os quais dominava a Mãe—frenética e selvagem, aos saltos, aos gritos, atropelando, vozeando,—juntassem um doloroso *Jazz-band,* a cujas guinadas os dois houvessem de bater-se, de lutar, até à morte!

Um grito cortou, mais agudo, penetrante, a noite pavorosa da taberna!

Tão vivo e estranho, que todos abrandaram em sua bulha.

E logo outro, e outro, seguidos de vozes, queixas estertorosas...

—A luz, a luz! mandaram alguns, cheios de pressentimento.

Horroroso espectáculo revelou o candil!

O *Meadas* jazia no chão, numa poça de sangue, fantástico, enorme, espécie de figura egípcia, tombada pelos séculos.

Ao lado, o *Faisca,* soerguido, bôca roída; cuspindo os dentes; segurando, trémulo, uma lâmina vermelha,—mascarrado do sangue, e que lhe dava à fronte breve, normalmente insignificante, com luares e

depressões de joga—a figuração dum diabo ígneo!

—E agora?... preguntou a *Doida*, em voz sumida, para os circunstantes, depois de atentar o morto, que borbotava do pescoço—cordas de sangue.

—Agora, respondeu, irado, o *Faisca*, peguem-lhe pelas pernas, e joguem-no ao rio, com um penedo bem atestado...

Vejam o que êle me fez...

E não ter o escomungado um cento de vidas!

—Ah, malvado, rugiu a *Doida*, que me mataste a criação!

E lançou-se sôbre o *Faisca*.

—Que é lá! disse êle levantando-se, e recuando, com a lâmina voltada para ela. Eu não conheço ninguém...

—Pois atreves-te! replicou ela, suspendendo-se:

E, para os assistentes, batendo no ventre:

—Isto é que é uma madre! Já despejou treze filhos!

Servem para tudo: uns para o cemitério, outros para a cadeia...

A ver quando arrumo os *sapelhos*...

Para o filho, em voz baixa:

—Sabes que mais? agora vai esconder-te! Já, já...

E sabes aonde?

No fundo do rio...

Que o meu gôsto era ver-te enleado na trança da água... afogado!

Arrepelando-se:

—Maldita, maldita!

Maldita a Morte, que me come, me leva, aos pedaços, as entranhas!

Depois, como quem reconsidera, com o dedo na bôca, para os circunstantes:

—Caluda! caluda! Que êste também é filho!

Tem um coração de lôbo, mas é filho...

E deitou a correr para casa, ganhando o pátio.

Numa efusão de miséria, movendo a cabeça de áspide, agora agitada flor da tormenta, falando, para o vale, quási em segrêdo:

—Tu ouves?

Mais alto:

—Eu sou...

O Eco:

—Eu sou...

Com mais fôrça:

—A mãe do *Faisca*, a mãe de *Caim*...

O Eco:

—A mãe de *Caim*...

—Ah, exclamou, entre casquinadas, agora está bem!

Todo o mundo sabe quem é a *Bicha*, a desgraça da *Bicha*...

O que a gente carrega, o que a gente gera...

E fechou a janela, antes que, no vale, cansasse a sombra da sua derradeira gargalhada.

ÍNDICE